

SUBURRANO

FANZINE
* IMPLICATIVO *
COM A SITUAÇÃO



RIBEIRO SANTOS
Um combate de
ontem e de hoje

Datam de 1967 os primeiros registos de Ribeiro Santos nos arquivos da PIDE - Polícia Internacional e de Defesa do Estado -, a polícia política do Estado Novo.

UT 8452

P.I.D.E.

Boletim de Informação N. 560208

POLÍCIA INTERNACIONAL E DE DEFESA DO ESTADO
 José António Leitão Ribeiro Santos

Respeitante a: Vasco Artur Ribeiro Santos

Filho de: Maria Antónia Leitão Ribeiro Santos

Nascido a: 19 / 3 / 1946 em Lisboa

Profissão: estudante Estado: Lisboa

Bilhete de identidade n.º: 1222994 emitido em: / / 19

Arquivo de identificação d: Lisboa

Residência: Calçada dos Santos, n.º 57 - 2.ª Lisboa

Enviado em: 97 / 66 em Santos-o-Velho 2.ª Divisão

INFORMAÇÃO

TC
 T. O. L. I. S.
 T. O. N. I. S.

**Defesa do Camarada
 RIBEIRO SANTOS
 em Processo Disciplinar Académico
 de 13 de Março de 1972**

e) A preencher pela Polícia.

DOCUMENTOS

EDIÇÃO DO
 COMITÉ REVOLUCIONÁRIO
 DOS ESTUDANTES DE DIREITO



José António Leitão Ribeiro Santos, aluno do 4º ano da Faculdade de Direito, arguido em processo disciplinar académico que o Conselho Escolar decidiu instaurar-lhe a bem da Nação, vem por este meio responder ás acusações contidas na nota de culpa recebida no dia três do corrente mês.

I

Considera o arguido que este processo disciplinar faz parte duma política global de repressão dos estudantes com o objectivo de os coagir a manterem-se numa situação de medo perante as autoridades académicas, e não só.

No momento actual, tal política cifra-se já, desde o último ano lectivo, na bonita soma de quarenta e oito suspensões, processos disciplinares e processos criminaes, para além das agressões policiais, da asfixia da informação, do encerramento da AFDL, no recrutamento de novos contínuos de características curiosas, etc., etc., etc.

Neste caso concreto, pretende-se, através do isolamento discriminatório de um número restrito de alunos, impedir qualquer tentativa de emancipação colectiva dos estudantes pela activa participação em assembleias democráticas nos seus locais de trabalho. Trata-se pois de mais um acto exemplar em que se procura intimidar os estudantes, fazê-los renunciar ao exercício da liberdade de reunião, e assim mantê-los indefinidamente numa situação de tutela.

Só nesta perspectiva se torna possível compreender os vícios das acusações, por vezes ridículas e absurdas, ás que se passa a responder detalhadamente.

II

a) 1-A "ilegalidade" apontada na alínea a) da nota de culpa, reside, ao que parece, não no facto de o arguido "ter comunicado aos colegas a sua intenção de não assistir ás aulas", mas sim nos "termos adequados para conduzir á perturbação do regular funcionamento das aulas" com que tal comunicação teria sido feita.

2-Ora, infelizmente para a acusação, ela só tem conhecimento, através das declarações prestadas pelo arguido que este fez tal comunicação, mas não sabe absolutamente nada sobre os termos que empregou; mesmo que soubesse, tal circunstância não consta das folhas do processo como se pode verificar.

3-Posto isto, com que fundamento, pode a acusação referir-se a "termos adequados", e assim "demonstrar" a existência do nexo de causalidade entre a comunicação do arguido e o não funcionamento das aulas? Seria bastante interessante que a acusação explicitasse o mais pormenorizadamente possível quais foram esses misteriosos "termos adequados" e o modo pelo qual eles chegaram ao seu "conhecimento".

4-Uma coisa é o que efectivamente se passa e outra é o que se passa na imaginação da acusação. Com isto, esclarece o arguido:

A-que este se limitou precisamente a comunicar a sua intenção;

B-que após a comunicação, se gerou uma discussão na qual intervieram vários alunos, mas não o arguido;

C-que durante essa discussão, surgiram algumas propostas, nenhuma delas apresentada pelo arguido;

D-que a decisão final do curso no sentido de ocupar o anfiteatro diverge manifestamente da intenção do arguido de não assistir às aulas, o que compromete a tese dos "termos adequados" apresentada pela acusação, que, de resto, como já foi apontado, não se encontra provada pelos dados recolhidos no processo.

E-também a "confissão espontânea" respeitante aos "termos adequados", não figura nas declarações do arguido; este não necessita de atenuantes para infracções que não cometeu.

b) A alínea b) da nota de culpa merece uma análise detalhada.

5-Em primeiro lugar, é de estranhar que aí se fale em ocupação dos anfiteatros (será um lapso?) quando o 4º ano deliberou ocupar apenas, como é óbvio, o anfiteatro nº4. De qualquer modo, é um ponto a esclarecer bem como a inclusão neste processo de factos ocorridos nos anfiteatros, com os quais o arguido não qualquer ligação, por mais que isso doa á acusação.

6-Nunca as reuniões de curso foram consideradas ilegais. Elas constituem prática corrente dos alunos da Faculdade, quer durante os intervalos, quer durante o tempo reservado às aulas, e com o conhecimento das autoridades.

7-Também a reunião do 4º ano do dia 9 se realizou com o conhecimento dos Profs.

Castro Mendes e Oliveira Ganção (pelo menos) mas nenhum deles, nem qualquer outra autoridade, significou aos estudantes que estes não podiam fazer a reunião; também não houve qualquer ordem no sentido de a dissolver. Porquê, se ela era ilegal? Porque é que se esperou tanto tempo para decidir da "ilegalidade" da reunião? Se a reunião era ilegal, porque é que as autoridades não se entregaram ao dignificante trabalho de identificar todas as pessoas presentes? Porque é que se preferiu reconhecer "por acaso apenas dois (ou três?) alunos? Se a reunião era ilegal, porque é que o Prof. Oliveira Ascensão, instrutor do processo, não procurou saber, quando interrogou o arguido, quais eram as pessoas presentes e se preocupou exclusivamente com saber "quem se encontrava na presidência"? Das duas, uma: ou a reunião era mesmo ilegal, e neste caso as autoridades tentariam dissolvê-la, (porque tinha conhecimento dela) ou identificar as pessoas presentes para lhes aplicar a sanção correspondente; ou a reunião era legal, e não havia qualquer razão para acusar apenas dois (ou três?) alunos.

8-"Não haveria qualquer razão", disse-se, para a acusação proceder deste modo. Evidentemente, fala-se aqui de uma razão jurídica, legal que, na verdade, não existe. Mas existe uma outra, muito mais forte e relevante, que já foi atrás denunciada: uma razão política, a qual se tenta inútilmente encobrir com pretextos legais (ou pseudo-legais; para o efeito, tanto faz) a que, de resto, já estamos habituados. É muito mais fácil, cómodo e eficiente, atingir dois (ou três?) estudantes (escolhidos a dedo segundo um critério político) do que entrar em conflito directo com todo o curso.

9-Havendo ilegalidade, ela só poderia residir na "ocupação do anfiteatro" e não na reunião quanto ao seu conteúdo, que só respeitava a questões académicas. Devemos pois distinguir a reunião que decorreu no tempo do intervalo (10h10h15m) de outra que, a partir daí, e na execução da moção aprovada naquela, se prolongou por mais de uma hora. A primeira, não tendo consistido em ocu-

pação, dado o seu conteúdo, não é, de modo nenhum, ilegal; a segunda só o seria se não tivesse o consentimento dos professores em questão. Ora, como poderia ser interpretada a atitude dos professores ao abandonarem simplesmente o anfiteatro, sem se pronunciarem sobre a reunião (o Prof. Castro Mendes, pelo menos, sabia, através da conversa que teve com o arguido, que ela ia continuar) senão como consentimento total? Se não for assim, algumas dezenas de alunos do 4º ano a esta hora, ainda não fazem a mais pequena ideia de que cometeram uma infracção disciplinar.

c) Se alguma vez o arguido tivesse dúvidas sobre a parcialidade e o elevado espírito de justiça que movem a acusação, a alínea c) da nota de culpa, só por si, seria mais do que suficiente para as dissipar de uma vez para sempre.

10-A-E necessário, primeiramente, esclarecer um ponto. Diz-se na nota de culpa, que o arguido comunicou aos professores que estes "não poderiam dar as respectivas aulas", que coincide, em substância, com as declarações prestadas pelo Prof. Oliveira Ascensão, a folhas 4 ao instrutor do processo o arguido comunicou que "não podia haver aula"; mas não coincide nem com as declarações do arguido a folhas 11 o arguido foi "avisar o Prof. Oliveira Ascensão da deliberação do curso" nem com as do Prof. Castro Mendes, a folhas 8 (o arguido comunicou-lhe que "o curso decidira não haver aulas que coincidem entre si e com a realidade).

B-A diferença talvez não seja apenas formal. Do modo como está redigida, a alínea c) escamoteia completamente o facto de que a comunicação dizia respeito única e exclusivamente a uma deliberação do curso. De uma interpretação objectiva dessa alínea, extrai-se (ou pelo menos, poderia extrair-se) a ideia de que o arguido tinha a pretensão de proibir os professores de darem aulas, o que é inteiramente falso e não faz sentido.

11-Tratava-se pois da simples comunicação de um facto: a deliberação do curso (se esta é ilegal ou não, isso é outro problema).

Esclarecida esta questão, gostaria o arguido de saber a que obscuro jurista alemão do século passado recorreu a acusação para integrar tal facto no artigo 2º do Decreto Lei 21.160 de 25 de Abril de 1932. Talvez a acusação considere que a atitude do arguido é um acto de hostilidade contra o Poder Executivo...ou inobservância das ordens superiores. Também não? Que tal "um acto de omissão contrária aos deveres dos alunos, isto de informar os professores? Mas, torçando um pouco, a acusação poderia chamar-lhe "acto ofensivo da boa ordem académica", dado o carácter vago e impreciso de tal conceito, como as normas do "direito natural", onde cabe tudo e mais alguma coisa.

Qual destas hipóteses terá escolhido a acusação? Como! O arguido está impaciente por sabê-lo!

12-Mas se porventura tal acto for considerado como infracção disciplinar (o que abriria novas e vastos horizontes na Ciência do Direito) será de estrnhar, mais uma vez, a atitude dos professores que, aquando de tão subversa comunicação, conversaram calmamente com o arguido no sentido de lhe chamar a atenção para o assunto. E afinal aquilo era uma infracção! Quem diria!

d) Agora, com a "infracção" contida na alínea d) da nota de culpa, o arguido começa a pensar seriamente que a única maneira de evitar ilegalidades nas conversas com os Professores é restringi-las á exposição de dúvidas sobre as matérias ensinadas e a responder ás perguntas dos exames. Convidar um professor a participar num debate sobre problemas académicos também é ilegal? Convidado uma vez, o Prof. Castro Mendes recusou; convidado segunda vez, aquele professor voltou a recusar, esclarecendo aqui que, se participasse no debate, estaria a proceder ilegalmente (ele, Prof, Castro Mendes) o que convenceu o arguido. Depois, apercebendo-se da recusa do curso em ter aula, retirou-se. Tudo isto se passou com a maior serenidade dos intervenientes.

Onde é que está a ilegalidade? Que prejuízos resultaram daquele convite para a "boa ordem académica"? Ou será que a acusação considera o arguido um ager

te subversivo e perigoso que fosse capaz de, utilizando "termos adequados", "desencaminhar" o Prof. Castro Mendes?

Pelos vistos, nessa manhã do dia 9, o arguido não fez outra coisa senão ilegalidades, sem que as autoridades se lhe opusessem. Como é fácil e simples cometer infracções na Faculdade de Direito!

e) A acusação assinala ainda como agravante, entre outros, o facto(?) de tais "infracções terem sido praticadas colectivamente ou de combinação com outros. Curiosamente, não indica quais são as "infracções" a que tal agravante se aplica. Mais curiosamente ainda, fala em confissão espontânea dos factos que lhe (ao arguido) dizem respeito, quando, nas suas declarações, o arguido frisou e as suas iniciativas tiveram sempre carácter individual.

13- Pelos dados factuais que se recolheram, a acusação nunca poderia pretender aplicar tal agravante ás alíneas a), c) e d) da nota de culpa. Em princípio, só poderia aplicá-la á alínea b), se admitíssemos a tese de que se trata efectivamente de uma infracção. Acrescente-se ainda que a agravante só poderia residir em a "infracção" ter sido cometida colectivamente mas não em combinação com outros. Mas tratando-se, portanto, de "infracção" colectiva (uma reunião é um acto colectivo por natureza) é altamente esclarecedor (insistimos neste ponto) que a acusação se desinteresse de tentar saber quais foram os alunos que participaram em tal "ilegalidade", para que, em vez disso, procure aproveitar-se do facto para agravar a situação do arguido.

III

Decidiu o arguido não apresentar testemunhas por considerar que as declarações contidas no processo traduzem fielmente o que se passou, com excepção das declarações prestadas pelo Prof. Oliveira Ascensão ao instrutor do processo, respeitantes ao facto indicado na alínea c) da nota de culpa. Neste caso, porém, o relato do Prof. Castro Mendes, como o do arguido, são suficientes para esclarecer a questão. Nessas declarações, encontram-se, conseqüentemente, todos os

dados de que o Conselho Escolar necessita.

IV

Por tudo isto,além de outros factos que não interessam aqui referir,é evidente o desejo que a acusação tem de afastar o arguido,mais uma vez,desta tão livre,aberta,justa,feliz e progressiva Faculdade de Direito.Para isso nem se importa de exhibir os pretextos mais incríveis para justificar a repressão.O arguido já sabia que era um elemento "incómodo",mas não sabia que o era tanto.

Lisboa,13 de Março de 1972

José António Leitão Ribeiro Santos

Solicita ao SERVIÇO
DE FICHEIROS Informação do que constar acerca de:

(11)

**POLÍCIA INTERNACIONAL
E DE DEFESA DO ESTADO**

Nome José António Leitão Ribeiro dos Santos

Filiação { Pai
 { Mãe

Data do nascimento,/...../..... Profissão Est. de Direito

Naturalidade

Residência

Em 10 / 1 / 1970

TORRE
TOMBO

Mod. 491 -- 2 000 bl. -- Ft.º A/6 (103x148 mm.) EB/3 -- 11.966 -- T. E. C. P. L.

Figura 2

A PIDE/DGS viria a solicitar informação ao serviço de ficheiros novamente em 10 de Janeiro de 1970 (Figura 2), a 7 de Junho de 1971 e a 27 de Dezembro de 1971.

Figura 3

- Movimento estudantil
- Faculdade de Direito de Lisboa
- 14. In

Dos arquivos da PIDE, consta a informação (figura 3), em 8 de Novembro de 1969, de que as inscrições para colaboradores das Secções de Propaganda e Imprensa da A.A.F.D.L. tinham sido abertas; constava que Ribeiro Santos se tinha inscrito na Secção de Propaganda.

INFORMAÇÃO

Para os fins que julgar convenientes, cumpre-me informar V.Ex.ª que estão abertas inscrições para colaboradores das Secções de Propaganda e Imprensa da A.A.F.D.L..

Até à data inscreveram-se:

NA SECÇÃO DE PROPAGANDA

CARLOS MANUEL DE ALMEIDA FERNANDES
URCEL AUGUSTO FERNANDES DOS SANTOS
MACHADO DA GRAÇA
JOÃO MANUEL MORAIS ISIDRO TORRES TOMAS
JOSE ANTONIO LEITE RIBEIRO DOS SANTOS
EMA RODRIGUES FERNANDES DAS NEVES

NA SECÇÃO DE IMPRENSA

ALBERTO BERNARDES COSTA
GIL MANUEL GONÇALVES COMES CALVÃO
FERNANDO OLIVEIRA
MARTINHO GUERRA MABALEMO
SÉRGIO DE SOUSA BENTO
ANTÓNIO MARIA RIBEIRO DE SAMPAIO CARMEL
DANIEL ESTEVES DOS REIS
ALBERTINO DOS ANJOS ANTUNES

Lisboa, 8 de Novembro de 1969

O SUBINSPECTOR,
a) Dias de Maio

Há a tentativa de controlar as actividades das associações estudantis através da chamada "legislação anti-associativa", iniciada bastante cedo (figura 4): Pode ler-se no decreto-lei 44.357, de 1962

Quem suspendeu os colegas LUÍS GUERRA - JOÃO SOARES - RIBEIRO dos SANTOS e COSTA AFONSO?

Com o advento do Estado Novo surgiu o decreto nº 1160 integrado numa vasta legislação repressiva das liberdades fundamentais que cresceu a preocupação dos estudantes e pensa que vão de simples repressão particular até a expulsão definitiva de todas as escolas nacionais. Em plena crise da academia de 1962 surge uma acção de carácter que nos al...

Figura 4

NOTA DE CULPA

O aluno ordinário do 4.º ano desta faculdade, José António Leitão Ribeiro Santos, de 25 anos de idade, natural de Lisboa, é arguido em processo disciplinar académico da prática das seguintes infracções disciplinares:

- a) Ter comunicado aos colegas, na manhã do dia 9 de Fevereiro de 1972, a sua intenção de não assistir às aulas como protesto contra as decisões proferidas em processos disciplinares académicos, em termos adequados para conduzir à perturbação do regular funcionamento das aulas, que efectivamente se verificou;
- b) Ter tomado parte numa reunião ilegal em que foi aprovada moção de ocupação dos anfiteatros, até dissolução dessa reunião;
- c) Ter comunicado aos Professores Oliveira Ascensão e Castro Mendes que não poderiam dar as respectivas aulas;
- d) Ter convidado o Professor Castro Mendes, quando este entrou no anfiteatro do 4.º ano, e procurava dar aula, a participar num debate sobre temas de interesse geral, e ter insistido nesse convite após a recusa do professor.

II

Estes factos integram infracções disciplinares, nos termos do artigo 2.º do Decreto n.º 21160 de 25 de Abril de 1932.

III

Concorrem as agravantes das alíneas b), c), d), e e) do artigo 4.º do mesmo decreto e a atenuante de espontânea confissão dos factos que lhe dizem respeito.

IV

Fica nestes termos citado o aluno José António Leitão Ribeiro Santos para apresentar, querendo, a sua defesa escrita no prazo de dez dias, a contar da recepção desta nota de culpa.

V

Pode o arguido apresentar testemunhas em sua defesa, no máximo de três por cada facto e dez no todo.

VI

Pode ainda o arguido consultar, só ou acompanhado do seu advogado, o original deste processo no edifício da Faculdade, pedindo-o à respectiva Secretária.

Faculdade de Direito de Lisboa, 1 de Março de 1972
O Instrutor do processo,
Prof. Doutor José de Oliveira Ascensão

RIBEIRO SANTOS, estudante
ASSASSINADO A TIRO pela
 pide-dgs num meeting contra a
 repressão realizado no iscef,
 ferido mais um estudante que
 está hospitalizado sob prisão.

boicote aos exames
 rga às 12 horas
 meeting às 15 horas
 em direito



Ribeiro Santos
 ASSASSINADO A TIRO
 PELOS CRIMINOSOS DA PIDE

à população

No dia 12 de Outubro foi assassinado pela PIDE-DGS o nosso colega José António Ribeiro Santos quando, durante uma reunião de estudantes no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, dois agentes da polícia política dispararam sobre os estudantes que os pretendiam espancar em seguida a uma provocação iniciada nessa tarde pela presença de um outro agente no seio dos estudantes.

Diante da realidade dos factos, que o comprometiam, o governo correu a agir como noutras ocasiões; reprimir o movimento de protesto, enganar a população. Assim, através de notas oficiais, as que não podia ignorar que tinham sido disparados tiros, omitiu deliberadamente quem os tinha disparado, procurando atribuir a responsabilidade do crime aos estudantes quando os factos indicaram claramente quem eram os seus responsáveis!

Os estudantes reagiram, porém, e opuseram à falsa informação a verdade dos factos: dezenas de milhares de comunicados foram distribuídos na cidade e na província, vários sectores profissionais foram contactados e desmascararam no seu seio este crime. Tendo falhado o engano a opinião pública tentou o governo intimidar todos os sectores que, de imediato, se dispuseram a tomar posição pública. Mas ainda, apesar disso, o fuzil do nosso colega transformou-se num impressionante protesto popular contra a repressão fascista.

Apesar da ostentação agressiva das forças policiais na zona da residência de Ribeiro Santos, concentraram-se ali mais de 5000 pessoas, que, à saída da urna, romperam os gritos de "assassinos", empunhando cartazes e lançando milhares de comunicados que denunciavam o crime. De imediato a fúria assassina da polícia caiu sobre a multidão a muitos colegas nossos e populares foram presos e feridos. Tendo conseguido isolar a urna que era transportada nos ombros de estudantes, um vao a polícia procurou arrancá-la. Durante cerca de uma hora das suas mãos, só o tendo conseguido dando vos de prisão a alguns deles.

No cemitério da Ajuda cerca de 2000 pessoas continuaram ainda a manifestação do protesto que se viria a prolongar no centro da cidade até ao cair da noite apesar das numerosas cargas policiais que novamente se abateram.

Tendo-se generalizado o movimento de protesto o governo, tentou e continua ainda a tentar abafá-lo a todo o custo e de todas as formas. Assim, no dia seguinte à morte do nosso colega, carregou sobre uma reunião de 1000 estudantes frente à Faculdade de Direito, causando novos feridos e efectuando mais prisões. Na segunda-feira, 16, encerrou o Instituto Superior Técnico vindo ainda a encerrar a respectiva Associação de Estudantes, há voo resaberto após dois meses de luta.

RIBEIRO DOS SANTOS
 SERÁ VINGADO!

A História está cheia de exemplos revolucionários. O exemplo daqueles que também no campo de batalha não constitui para nós motivo de derrotismo. Pelo contrário, na sua lombança compreensiva que a luta árdua que travamos é justa, que o sacrifício de um revolucionário é a expressão mais autêntica do heroísmo das massas populares e isto dá-nos coragem. Mas quando esse revolucionário é um camarada, quando deu o seu sangue pela luta que nos propomos organizar, então o significado para nós do seu exemplo torna-se mais grandioso e



meeting
contra a
repressão

5ª FEIRA - DIA 12 - 17 H 30

NO *ANFITEATRO*

o heróico povo vietnamita em luta
contra a agressão imperialista.

O ESTUDANTE MORTO VAI A ENTERRAR ESTA TARDE

DIÁRIO
POPULAR

14 OUT.
1972

da firma Rima, e a porta do edifício do Grupo Assurances Nacionales.

Igualmente apedrejaram um automóvel conduzido por um soldado, no qual se encontravam dois indivíduos.

José António Leitão Ribeiro dos Santos, o jovem estudante que faleceu ao fim da tarde de anteontem, no hospital de Santa Maria, em consequência de ter sido atingido a tiro no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, tinha 26 anos e frequentava o 4.º ano da Faculdade de Direito. O malogrado universitário, que residia na calçada de Santos, n.º 37, 2.º, era filho do dr. Vasco Ribeiro dos Santos, médico assistente dos Hospitais Civis de Lisboa, e da sr.ª D. Maria Antónia Leitão Ribeiro dos Santos. O funeral do jovem realizou-se esta tarde, da sua residência para o cemitério da Ajuda.

que tinham saído da Cidade Universitária, percorreram as avenidas novas e uma parte da zona de Alvalade, griseada pela ganância política.

INCIDENTE NO INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS E FINANCEIRAS

Da direcção do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras recebemos a seguinte comunicação:

Tendo sido notada, durante a tarde do dia 12, por alguns estudantes, a presença, nas instalações do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, de um indivíduo que lhes pareceu estranho à cena e tendo este recusado identificar-se, foi solicitada ao director do Instituto que pedisse a identificação dos indivíduos e tendo sido constatadas as seguintes circunstâncias: a certa altura afirmado ser agente da Direcção-Geral de Segurança, foi contactado pela Direcção-Geral que informou não existir qualquer agente com o nome indicado, nem

qualquer chefe com o nome também citado pelo indivíduo, como sendo o do seu superior hierárquico. Nestas condições, a Direcção-Geral de Segurança comunicou que iria enviar dois agentes para procederem à sua identificação.

Enquanto se aguardava a chegada dos dois agentes, foi aquele indivíduo levado por um grupo de estudantes para um anfiteatro, onde rapidamente se juntaram numerosas pessoas.

Após a chegada dos agentes dirigiram-se estes, acompanhados pelo secretário e por elementos da direcção da Associação dos Estudantes, para o anfiteatro, a fim de procederem à identificação, logo afirmando não pertencer o mesmo indivíduo à Direcção-Geral.

Inués, nessa altura, huberinh, havendo um grupo misturado esse indivíduo, enquanto outros estudantes estavam a estabelecer a calma, através de esforços de natureza moral, para os dois agentes. O mesmo indivíduo, grande confusão e verificaram-se atropelos dentro do anfiteatro, havendo sido disparados alguns tiros e sabendo-se que foram transportados dois feridos em automóvel particular.

A direcção da escola não pode deixar de lamentar profundamente a ocorrência e ter prometido a realização de um inquérito imediato sobre estes factos.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS
13 OUT.
1972

Desconhecem-se ainda as circunstâncias exactas — que estão a ser objecto de inquérito por parte da direcção do Instituto de Ciências Económicas e Financeiras — em que Ribeiro dos Santos foi azejado por um disparo de pistola, mas a esse facto não será alheia a confusão que se seguiu à entrada dos agentes da D. G. S. numa das salas daquele estabelecimento de ensino. Quando se aperceberam de que o jovem se encontrava ferido, os seus colegas transportaram-no ao hospital de Santa Maria, onde nada mais se pôde fazer além de verificar o óbito.

Outro estudante, também da Faculdade de Direito, José Alberto Rebelo Reis, de 19 anos, ferido igualmente a tiro, encontra-se ainda internado na sala de observações do hospital de S. José. Reside na rua João Frederico Ludovice, n.º 18, 1.º direito, e encontra-se agora sob prisão.

Manifestação dos estudantes:

Ao fim da tarde de ontem, algumas centenas de estudantes,



▶ FUNERAL DE RIBEIRO DOS SANTOS: um agente da PIDE corrigiu o pároco: «não foi crime, foi acidente»

Hoje às 15 horas

Todos Ao FUNERAL

do
JOSÉ RIBEIRO SANTOS

ASSASSINADO

CRIMINOSAMENTE PELA

PIDE

CALÇADA de SANTOS 37 - PARA CEMITÉRIO
ALTO da AJUDA



A LUTA DOS ESTUDANTES

FACE AO ASSASSÍNIO DE RIBEIRO SANTOS

Após o assassinio pela PIDE do nosso camarada José António Ribeiro Santos, os estudantes, como resposta, saíram para as ruas manifestando-se aos milhares, respondendo à pedrada ao roubo do corpo pela policia no funeral, garantindo a sua informação à população.

Os estudantes em grande número sentiram a necessidade de oporem a sua violência progressista, legítima, à institucionalizada dos pífios

de de oporem a sua ária e institucional- oração dos trabalha-

do, face à repressão sempre pugnou, um Plenário dos es- dendo ao apelo da nta Maria, em núme-

RIBEIRO SANTOS MEMBRO DA DIRECÇÃO DA
ASSOCIAÇÃO DE DIREITO **ASSASSINADO A TIRO** PELA
PIDE-DGS

NUM MEETING CONTRA A REPRESSÃO REALIZADO

NO ISCEF. FICOU FERIDO MAIS UM ESTUDANTE, QUE ESTÁ PRESO NO HOSPITAL. (LAMEGO, EST. DE DIREITO)

LUTEMOS CONTRA OS
CRIMES DA PIDE!
INFORMEMOS

estudantes do se e dela como apoio do Povo português Santos e a infór- n cada escola se a função da situa- As manifestações rme número de es- zes combateu a po co maiores cama- tando os estudan- gos exigir a sus- tas, muitos e "evolucionári e de A. Santo. seu contrári ." Muitos de ir os revi-

À POPULAÇÃO



Ribeiro Santos

Manifestação 12.01. Carmo 18.30H

Povo jamais te esquecerá!

Ribeiro Santos

Na tarde de 12 de Outubro de 1972, no Instituto Superior de Económicas e Financeiras um agente da polícia política (PIDE) assassinou o estudante da Faculdade de Direito JOSÉ ANTÓNIO RIBEIRO SANTOS. Antes, numa reunião democrática, cada estudante fora desmascarado e identificado um outro agente da PIDE; entretanto, tendo este podido contactar com a sede da PIDE através de um telefonema que lhe foi proporcionado pelo secretário do Instituto, apareceram na escola mais dois esbirros, um deles respondeu ao justo ataque de alguns estudantes puxando a pistola e disparando em todas as direcções, fugindo depois de assassinar o estudante JOSÉ ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS e de ferir JOSÉ ALBERTO LAMEGO, também estudante de Direito, que ocorreu em defesa do seu camarada.

Porque é que JOSÉ ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS foi assassinado? RIBEIRO SANTOS era, como tantos outros estudantes de vanguarda, um incrépido lutador da causa do Povo Português. Pôs-se sempre à frente das lutas estudantis consequentes do seu movimento democrático, contra a burguesia monopolista e colonialista.

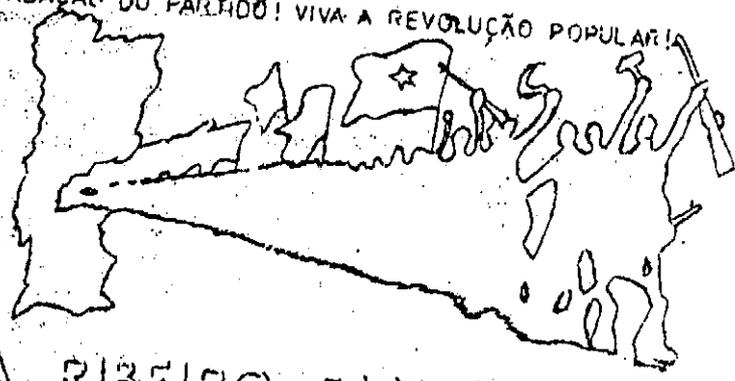
Nunca virou a cara à repressão, nunca recuou; combateu à frente das massas e à frente delas tombou. A morte de RIBEIRO SANTOS é um facto muito importante da luta do proletariado e mais camadas populares contra a burguesia exploradora e o seu Estado fascista.



VIVA O HERÓICO CAMARADA RIBEIRO SANTOS QUE CAIU NA LUTA AO SERVIÇO DO POVO!

Em 12 de Outubro, o nosso camarada José António Ribeiro Santos foi cobardemente assassinado por um tortionário da Pide, quando se encontrava na primeira fila da luta que os estudantes revolucionários travaram para expulsar violentamente os burgueses e fascistas do Instituto Superior de Económicas e Financeiras.

EM FRENTE PELA FUNDAÇÃO DO PARTIDO! VIVA A REVOLUÇÃO POPULAR!



HONRA A RIBEIRO SANTOS!
O POVO NÃO TE ESQUECERÁ!

Foi em Lisboa, no dia 12 de Outubro de 1972, um jovem valeroso, um dirigente bem amado das massas estudantis, um combatente destemido, integralmente dedicado a servir a classe operária e o povo português, é cobardemente assassinado pelos esbirros da burguesia colonial-fascista; por dois agentes da Pide, com a colaboração de dois agentes revisionistas do Partido chamado "Comunista" e dito "Português" do Bêta Barreirinhas Cunha. O faz clique apertou o gatilho e o revisionismo apontou-lhe o alvo - tal é a justa apreciação acerca da sinistra confabulação das forças de classe contra os revolucionários que assassinaram o grande bolchevique JOSÉ ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS.

Ribeiro Santos: *Lachrimae antiquae novae*¹

Teresa Pizarro Beleza*

PÚBLICO

12 OUT 1997

RECORDO-ME como se tivesse sido ontem. Acabávamos de almoçar pacatamente na “sala amarela” de nossa casa e o meu irmão Miguel, na altura recém-licenciado e jovem assistente no então chamado ISCEF (“as Económicas”), chegou e disse, consternado: “Houve uma grande confusão na faculdade, a polícia andou aos tiros, mataram um tipo, parece que há também feridos.”

É preciso recuar a Outubro de 1972 para perceber o transcendente significado de uma notícia destas. Marcelo Caetano “piscava à esquerda e virava à direita”, como se ironizava no “milieu” e ele próprio, se bem me recordo, comentou numa Conversa em Família na televisão. Que curioso e educativo seria produzir uma série em vídeo com essas conversas e mostrá-las aos nossos estudantes universitários, lembrando-lhes, por exemplo, que aquele ilustre administrativista dizia a quem o quisesse ouvir que o curso de Direito não era para Senhoras (é claro, ele diria assim, com maiúscula). Julgo que o disse em pleno exame oral de Direito Administrativo à minha irmã Leonor, se a memória me não trai. Hoje, a população discente é maioritariamente feminina e as carreiras jurídicas foram todas abertas às mulheres, há uns escassos 20 anos, a idade das minhas alunas de agora, que olham para mim como se eu tivesse aterrado de um qualquer Marte ou como se eu fosse contemporânea da primeira República (supondo que sabem o que isso seja...) quando eu lhes conto que iniciei o curso com todas essas carreiras vedadas por lei ao meu sexo. A distância estética do cenário e da pose do então chefe de Governo no ecrã em relação aos nosso “parâmetros” de agora — o que, bem conheço o risco, permite revivalismos saudosistas caros a alguns meninos e meninas da nossa praça política e jornalística... — pode provocar um “inconveniente” (porque desfocante!) efeito de “Verfremdung”, mas também proporcionará, porventura, uma noção tão

realista quanto possível da vertigem que foi a mudança de tantas coisas em metade das nossas vidas.

Falo, é claro, da minha geração: eu nasci em 1951, em plena guerra fria, sete anos antes da campanha de Humberto Delgado, dez anos antes da eclosão da guerra em Angola e... muito particularmente caro ao meu coração e à minha inteligência: no ano de publicação do fabuloso “Minima Moralia”, de Theodor Adorno, que um dia será primorosamente traduzido em português por uma equipa interdisciplinar que eu ajudarei a formar e será, depois, parte obrigatória do curso de Filosofia que ninguém escapará a fazer, sob pena de terríveis sanções que ainda tenho de imaginar. Aqui têm a minha costela “estalinista”... (não no meu amor por Adorno, obviamente, mas na imposição coactiva da sua leitura!!!).

Alguns meses depois, o Congresso da Oposição democrática terminaria em Aveiro com uma carga sangrenta sobre osromeiros à campã de Mário Sacramento. Assim que se juntou um grupo razoável de pessoas e a inevitável palavra de ordem “Não à guerra colonial!” começou a ser entoada, a polícia de choque abateu-se selvaticamente sobre tudo o que mexia. Lembro-me do rosto hermético e estranho dos homenzinhos verdes que nos atacavam, assim sem mais nem para quê, lembro-me de corridas desordenadas e de gritos de medo e de dor física, na atrapalhação súbita da violência “desproporcionada”, de ter encontrado abrigo precário num vão de garagem, de ver, um pouco mais tarde, manchas de sangue fresco ao longo da Avenida. Desde a véspera, as “forças da desordem” tinham cercado a cidade, por ordem de Marcelo Caetano, cuja “Primavera” ali acabava de ser, definitivamente, congelada. Não sabíamos, é claro, que por tão pouco tempo. Ouvei dizer — nunca consegui

Quem se lembra de Ribeiro Santos?

confirmar ou infirmar este rumor — que um cão-polícia tinha mordido a barriga de um chefe local. Foi a única coisa que me “consolou” (hoje, até sou capaz de sentir pena retroactiva do homem...) da raiva surda que senti ao ver a selvajaria de que eram capazes um Estado e um Governo “só” porque se sentiam ameaçados na sua sobrevivência. Apesar da euforia que dá a vitória sobre nós próprias, sobre o medo físico, instintivo, humano, a minha sensação no regresso a Lisboa era um misto de enorme cansaço — ninguém dormira, na véspera — e de uma determinação íntima muito forte de que tudo faria, nas minhas modestas possibilidades, para que coisas daquelas não voltassem a acontecer. Ou para que, pelo menos, eu me não sentisse culpada por elas, por omissão.

José António Ribeiro Santos era um daqueles miúdos — sim, éramos meninos, aos 18, 19 anos — corajosos e persistentes que nos “doutrinavam” desde que entrávamos na Faculdade. A minha primeira recordação dele é a sua figura pequena, mas que se tornava visível pela determinação que transparecia na sua voz, cujo timbre ainda hoje me é familiar. A última, uns quatro anos mais tarde, é a de uma conversa amena no Anfiteatro 4 (então a sala do 4º ano) a propósito dos exames de Direito da Família. Comentávamos a ousadia do “nosso” assistente, Luís Lingnau da Silveira — uma das perdas da minha Faculdade que muito lamento, hoje um dos ganhos da Procuradoria Geral da República, o que me alegra —, que nos ensinava de uma forma despreconceituosa esse ramo do Direito em que talvez mais do que em qualquer outro se plasmava a concepção da sociedade do Estado Novo: o Direito da Família. O catedrático que detinha a titularidade da cadeira, o prof. Gomes da Silva, era um finíssimo jurista e um homem de uma inteligência fulgurante, mas (mas?) profundamente conservador. O ambiente de então na Faculdade é totalmente inimaginável para os actuais estudantes: uns senhores com ar facineroso e abrutalhado, ex-comandos, controlavam todos os nossos movimentos e permitiam-se dizer piadas ordinárias às alunas... eram os “vigilantes”, um dos últimos delírios do Estado Novo em matéria de política universitária. Era,

obviamente, uma medida de desespero. Mas isso só se tornou “óbvio” depois, como de costume. Quem fará esta História, com rigor, um dia? Fernando Rosas?

Quando percebi que a notícia que caíra como uma bomba na sala de casa de meus pais se referia, ainda para mais, a alguém que conhecia de perto e estimava, com quem conversara 24? 48? horas antes — Ribeiro Santos era um homem muito inteligente e arguto, a sua conversação era extraordinariamente agradável —, à raiva humana e política juntou-se o sentimento de perda pessoal e irreparável. A nossa conversa ficaria, para sempre, inacabada. E são estes sentimentos, sabemo-lo hoje porventura melhor do que sabíamos então, que se tornam decisivos na nossa ética de vida, nas nossas relações pessoais, nas opções que faremos mais tarde, ainda que por vezes sem essa consciência ser nítida ou actual.

O funeral foi uma manifestação de dor e de fúria que deve ter afligido o Governo mais do que qualquer outra coisa naquele ano. Os estudantes insistiram em levar o esquife aos ombros e enfrentaram corajosamente a polícia, que se escudava em absurdos regulamentos e se apresentou em quantidade, mas parecia ter alguma ordem de contenção — o que é natural, dado que a situação era explosiva. Recordo a figura de Urbano Tavares Rodrigues, ao cimo da calçada que haveria de ser nomeada em homenagem ao estudante-mártir, comovido com a coragem dos mais novos (recordei-lho, no outro dia, na apresentação do “Che” de Manuel Alegre). Recordo a figura belíssima e trágica de Maria Alice Manta, vestida de negro, recurvada como um desenho heróico de Ribeiro Pavia ou de Cipriano Dourado, a gritar, em conjunto com muitas outras pessoas, um mar de gente, junto à campa: “Assassinos, assassinos, assassinos!” São imagens e sons como estes que ficam connosco para o resto das nossas vidas.

Quando cantámos o Hino Nacional, olhei para a cara de alguns polícias. Pareceu-me ver a sua perplexidade latente — “Pode bater-se em alguém a cantar a Portuguesa?” —, mas deve ter sido imaginação minha. Um pouco mais tarde, na debandada algo confusa do regresso, dei gua-

rida no meu automóvel a Luís Lingnau da Silveira, o único dos meus professores de então que me recordo de ver no cemitério.

Soube depois que um dos feridos do ISCEF fora o meu colega mais jovem José Lamego; hoje secretário de Estado da Cooperação. Compreendo e admiro a sua persistência em reiterar que nunca apertará a mão a um "pide". Afinal, a dignidade humana também se mede por estas coisas.

Entretanto, passou muito tempo, desde tudo isto e desde o dia — 2 ou 3 de Maio de 1974, se não estou em erro — em que Adelino da Palma Carlos, de lágrimas nos olhos, me dizia, a mim e aos meus colegas que integrámos o primeiro Conselho Directivo pós-revolucionário na Faculdade de Direito: "Vocês não sabem o que é ter a liberdade e perdê-la; mas eu sei. Nunca se esqueçam disto que vos estou a dizer!" Eu nunca me esqueci. Tenho a certeza de que os meus colegas de então, estejam onde estiverem, também não.

O que eu gostaria que os jovens de hoje compreendessem é que a liberdade e a democracia que hoje tomam por natural, óbvia e garantida foi conquistada também com sacrifícios "absurdos" como o da jovem vida de Ribeiro Santos. Honra à sua memória. ■

* professora na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e na Universidade Autónoma Luís de Camões

¹ Peço emprestado o título, com a devida vénia e amizade, ao poeta António Magalhães, na elegia dedicada à memória de João de Freitas Branco, publicado em "A Flauta na Falange".

HONRA A RIBEIRO SANTOS

Eis camarada a minha mão proletária
Seguindo-te a lição, teu nome erguendo,
Na luta que se vai reacendendo,
Cada dia maior, mais solidária

O Povo por quem deste heróico a vida
Erguendo triunfante o teu estandarte
Segue o teu exemplo em toda a parte
De forma cada vez mais aguerrida

Com força, com traição e cobardia
Com balas assassinas, com algozes
Não cala a burguesia as nossas vozes
Que nós somos coveiros da burguesia.

Sabia-lo tu bem ó camarada!
Sabe-o a História que não mente.
A própria burguesia já pressente
Que não pode fugir à derrocada

E do sangue de fogo que escorreu
Do teu corpo caído, assassinado
Tão heroicamente acrescentado
Ao sangue que o Povo já verteu,

Há-de nascer um dia um grande mar
Com vagas vermelhas e raivosas...
As feras foram sempre criminosas
E podem-se abater, mas não mudar.

TOPOS A ROMAGEM
DOMINGO - ÀS 10 H.
CEMITÉRIO DA AJUDA



VIVA O 12 DE OUTUBRO!

VIVA O POVO!
Honra a
Ribeiro
dos Santos!



Outubro de 1972

Estudantes exigem julgamento do PIDE que assassinou José Antônio Ribeiro Santos

Proposto o nome de Ribeiro dos Santos para o Largo de Santos o Velho

Junos do Instituto Superior Económico aprovaram em reunião geral, propostas das quais destacamos:

- 1. Dissolução dos órgãos superiores do governo do conselho escolar, pedagógico e comissões de disciplina e fim da individualidade de direcção;
- 2. Formação de rectivo com 10 a 12 e 10 estudantes (a AE). Dentro de um executivo administrativo e de trabalho dentro da AE de peões.

próprios). A representação estudantil tem voto de qualidade. «Quanto às medidas necessárias ao desmantelamento da máquina repressiva da escola, foi aprovado: que o Velho Sinal seja admitido no Conselho de Promoção; que a representação de professores a decida em reunião.

ligas instalações e a Sala Ribeiro Santos volte a ser a sala de prática estudantil; que o Exército da lista dos informadores da PIDE que terá apreendido nas instalações de D.G.S. na A.M. Cardoso; que se faça um inquérito às responsabilidades dos membros do conselho escolar na escatada repressiva anterior; julgamento público do agente da PIDE que assassinou Ribeiro Santos.»

O nome do estudante José Antônio Ribeiro Santos, assassinado por um agente da PIDE/DGS em 12 de Outubro de 1972, num anfiteatro da Faculdade de Economia, «passou», desde ontem, à tarde, a designar o Largo de Santos-o-Velho, local onde reside com seus pais.

onde o estudante assassinado morou e no prédio fronteiriço — que passou a designar-se Largo Ribeiro Santos. Foi, também lida e aprovada uma moção onde se sauda a família da vítima e se exige o julgamento do agente Gomes da Rocha da PIDE/DGS autor dos disparos mortais, segundo se afirmou.

das 22 e 30, no Aeroporto da Portela, contra a partida de uma companhia de Infantaria e de vários elementos da Marinha e da Força Aérea para Angola.

Empunhando fotografias de Mao Tse-Tung, militantes do M.R.P.P. (Movimento Reorganizado do Partido do Proletariado) gritavam «slogans» contra a guerra colonial. Conseguiram, mesmo, a dada altura, romper o cordão constituído pela Polícia Aérea, precipitando-se em direcção ao avião. Este levantou, contudo, dois ou três minutos depois.

Presentes, estiveram também as famílias dos militares embarcados, cuja atitude era, segundo um observador, mais de resignação do que de protesto.

Um grupo de jovens manifestou-se, ontem, cerca das 19 e 30 de ontem começou a afluir àquele largo grande número de pessoas, em resposta a uma convocatória do MRPP (Movimento reorganizado do Partido do Proletariado), organização que tem reivindicado a filiação política de Ribeiro Santos.

Durante a concentração, falaram alguns oradores, tendo sido afixadas duas lápides no local, — na casa

Nota sobre a morte de Ribeiro Santos

Da Direcção da Associação Académica do I. S. C. E. F. publicação, o seguinte esclarecimento: «A notícia não assinada inserida no jornal no dia 8 do corrente mas sob o título «Homagem Nacional a Ribeiro Santos» contém inexactidões que por constituírem graves calúnias imputa desde já refutação. Antes disso, porém, deve dizer-se que tal tipo de calúnia aparece pela segunda vez num jornal verídico de Lisboa. Da primeira vez apareceu no jornal «A Capital» logo nos dias seguintes ao assassinato de Ribeiro Santos. Melo exigiu mandou supor que tal é um Directo comentário do texto de qualquer que empreender a natural, M como tal, e aparecer no 5 meses a tuando que pensar que «ham estão ter o conti so do nosa recamos e des: nesse na toas» du

«que em 12 de Outubro assassinou Ribeiro Santos teria sido» — mandado chamar a sala de económicas por elementos da Direcção da Associação para a D. G. S. «isto é falso» e mais do que isso é uma verdadeira provocação e como tal consideraram os estudantes de Económicas que logo foram assassinados em reuniões massivas e mesmo de luta que definiam a E. genuinamente estudantil.

impedir o processo de demissão das escolas. «3 — Persistir no lançamento das mesmas calúnias, já tão largamente desmascaradas no seu verdadeiro significado, não continuar com manobras de difamação a um único estudante.



Façamos do 12 de Out. uma jornada de LUTA CONTRA O FASCISMO!

Na tarde de 12 de Outubro de 1972, no Instituto Superior de Económicas e Finanças em Lisboa, um agente da PIDE assassinou a tiro o estudante da Faculdade de Direito, José António Ribeiro dos Santos, no decorrer de uma reunião estudantil de protesto e de luta contra a repressão fascista e do apoio aos estudantes presos e torturados nas cadeias fascistas. Pouco antes, tinha-se detectado um indivíduo suspeito, que se confirmou frequentar reuniões estudantis para colher informações para a PIDE. Entretanto, perante a firme resolução dos estudantes em aplicar a esse facinoroso o castigo merecido, as autoridades académicas chamam uma brigada de PIDE para, segundo eles, proceder à "identificação" do indivíduo suspeito, pretendendo com isto salvar aquele assassino do justo ódio dos estudantes.

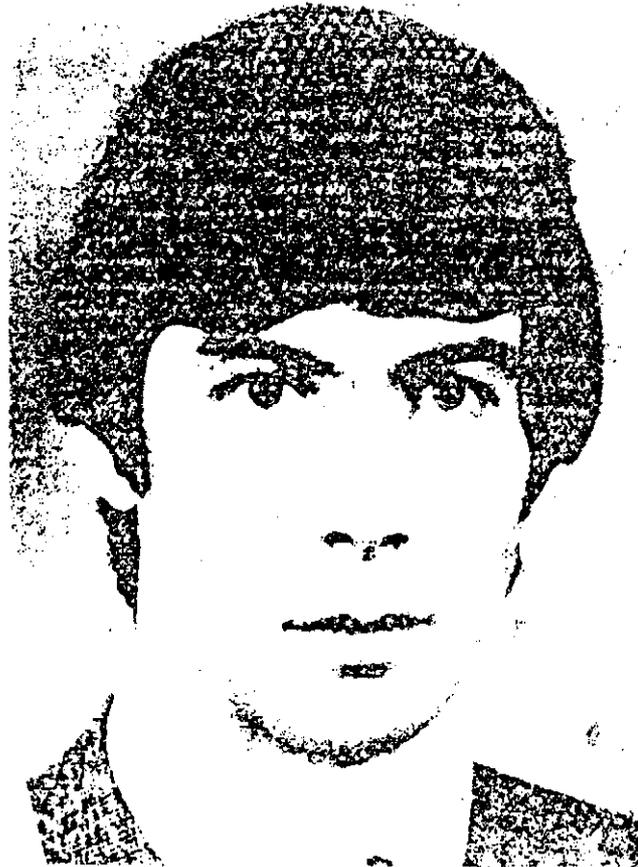
Quando os agentes da PIDE entraram na sala onde decorria a reunião a indignação e o ódio dos estudantes que, decididos a expulsar na dois esbirros avançaram sobre eles. Um deles, foi imediatamente imobilizado pelos estudantes, o mesmo não aconteceu com o outro, que puxou a arma e disparou, atingindo mortalmente o camarada Ribeiro dos Santos e ferindo um outro estudante, José Lanago, também de Direito.

Ribeiro Santos foi corajosamente assassinado, e com isso a luta revolucionária dos estudantes contra a repressão fascista, perde um combatente, que sempre soube dar o exemplo, conservando-se à frente da luta, quer na escala, contra o snaiño opressivo, decadente e corrupto da burguesia, quer na sua no combate directo com as bestas policiais da ditadura fascista.

Mas por cada um que cai mil se levantam, e milhares de estudantes do norte ao sul do país levantaram-se dando uma resposta firme e decidida à burguesia fascista e colonialista transformando o exemplo de Ribeiro dos Santos numa força capaz de fazer avançar decididamente a luta revolucionária dos estudantes ao lado do povo português.

Pois, a melhor homenagem que podemos prestar a Ribeiro Santos é avançar com firmeza no caminho que também ele trilhou a luta ao lado de todos os oprimidos da cidade e do campo contra quem sempre os explorou e espezinhou, o combate sem tréguas ao lado do povo português pelas suas emancipação total. As formas de luta estudantil são tão variadas quanto os motivos que suscitam a sua mobilização. Desde o combate nas escolas contra o ensino na classe burguesa no poder, por um ensino que sirva realmente os interesses das massas trabalhadoras, até ao combate directo ao lado do povo na rua e em todas as frentes da batalha que ele trava contra os seus inimigos.

Foi a besta fascista que por intermédio da sua polícia secreta abateu Ribeiro Santos. De



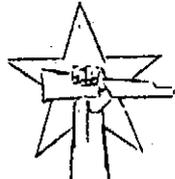
ASSASSINADO PELA PIDE
militeante do MRPP
a Ribeiro Santos
Homenagem
ECIDIDO NO 1.º DE MAIO

pelos, através da aproximação à burguesia do tipo que talha as vestes massas de massa por...

LARGO RIBEIRO SANTOS
 Mas a manifestação processou-se em 8.ª, 9.ª e 10.ª escadarias do edifício por onde durante os dias anteriores se tinham desenvolvido as manifestações do Governo dos trabalhadores do Porto. A manifestação foi organizada por membros do Partido Comunista, do Partido Socialista, do Partido Trabalhista e do Partido Democrático. O Porto Verdes também participou e arrastou-se para a manifestação de protesto.

COMITÉS RIBEIRO SANTOS
MANIFESTAÇÃO POPULAR
12 Outubro - Rossio - 19H

PELA SEPARAÇÃO E COMPLETA INDEPENDENCIA PARA OS POVOS DAS COLÓNIAS!



Movimento Popular Anti-Colonial
MPAC

HONRA A RIBEIRO SANTOS!

LEVANTEMOS-NOS CONTRA O MASSACRE DOS POVOS DAS COLÓNIAS!

TODOS AO ROSSIO
 dia 12 — 19H00

ESTUDANTE ASSASSINADO PELA PIDE

José Antonio Ribeiro Santos

Na tarde de 12 de Outubro de 1972, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, um agente da polícia política (P.I.O.E.) assassinou um estudante da Faculdade de Direito JOSÉ ANTÓNIO RIBEIRO SANTOS.

Antes, numa reunião democrática de estudantes, fora um outro agente da P.I.O.E. desmascarado identificado pelos presentes; entretanto, tendo este podido contactar com a sede da P.I.O.E. através de um telefonema que lhe foi proporcionado pelo secretário do Instituto, apareceram ne escola mais dois esbirros; um deles recobrou ao justo ataque de alguns estudantes puxando da pistola a disparando em todas as direcções; fugindo os dois depois da assassinarem o estudante JOSÉ ANTÓNIO RIBEIRO SANTOS e de ferirem José Lamego, também estudante de direito que ocorreu em defesa do seu camarada.

PORQUE É QUE JOSÉ ANTÓNIO RIBEIRO SANTOS FOI ASSASSINADO?

RIBEIRO SANTOS, era, como tantos outros estudantes de vanguarda, um intrépido lutador da causa do povo português.

Pôs-se sempre à frente das lutas estudantis consequentes, do seu movimento democrático contra a burguesia colonialista e colonialista. Nunca virou a cara à repressão, nunca recuou; combateu à frente das massas e à frente deles tombou. A morte de RIBEIRO SANTOS é um facto muito importante da luta do proletariado e mais camadas populares contra a burguesia exploradora e o seu estado fascista.

A morte do nosso camarada é um facto triste que enluta todos os estudantes progressistas, todos os verdadeiros filhos do Povo. Mas alegre, ao saber que RIBEIRO SANTOS caiu como viveu, à frente das massas estudantis combatendo heroicamente contra a repressão. RIBEIRO SANTOS morreu pelo combate à linha de combate, que outra morte pode ter mais nobre

de face às ameaças e provocações da repressão odiosos crimes com cada vez maior dardivo, com cada vez mais heroísmo o povo conta pela sua emancipação contra o inimigo

vitória final, O POVO VENCERÁ!!!

há muito tempo o governo mante através da censura pelo fascismo. Este comunicado como caiu RIBEIRO SANTOS. O Povo não se esquecerá disso mesmo os estudantes convocam a morte de JOSÉ ANTÓNIO RIBEIRO SANTOS.

Os estudantes de Lisboa reunidos após a morte do nosso camarada

Vararam-te no corpo e não na força
e não importa o nome de quem eras
naquela tarde foste apenas corça
indefesa morrendo às mãos das feras.

Mas feras é demais. Apenas hienas
tão pútridas tão fétidas tão cães
que na sombra farejam as algemas
do nome agora morto que tu tens.

Morreste às mãos da tarde mas foi cedo.
Morreste porque não às mãos do medo
que a todos pôs calados e cativos.

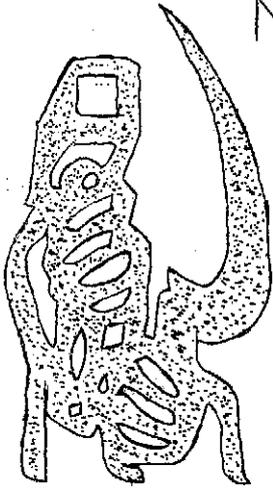
Por essa tarde havemos de vingar-te
por essa morte havemos de cantar-te:
Para nós não há mortos. Só há vivos.

JOSÉ CARLOS ARY DOS SANTOS



RIBEIRO SANTOS

SUBURRANO
CANTALITA



NO ANIVERSÁRIO DA MORTE DE RIBEIRO SANTOS LUTEMOS:

CONTRA A REPRESSÃO E A EXPLORAÇÃO
CAPITALISTA!
CONTRA A GUERRA COLONIAL-IMPERIALISTA!
PELO BOICOTE À FARSA ELEITORAL FASCISTA!

OPERÁRIOS, TRABALHADORES E ESTUDANTES

CAMARADAS :

UM SÓ COMBATE

Faz no próximo dia 12 um ano que Ribeiro dos Santos tombava vítima das balas da polícia fascista da burguesia. Este bárbaro assassinato do nosso camarada veio somar-se, contudo, ao longo rol dos crimes dos capitalistas portugueses e do seu Estado, perpetrados diariamente contra o proletariado e as massas trabalhadoras em Portugal e nas colónias. De facto, não é só nem principalmente contra os estudantes que a burguesia vira as suas armas. Como minoria exploradora de uma esmagadora maioria de trabalhadores, a burguesia recorre para manter sua dominação - a todo um arsenal repressivo de leis e tribunais, polícias e exército. Esse arsenal repressivo que a burguesia portuguesa utiliza para tentar jugular a luta revolucionária dos operários e das massas trabalhadoras das colónias é pois o mesmo que ela utiliza para reprimir a luta dos operários e trabalhadores portugueses - como no caso recente da TAP -; é o mesmo que se abate sobre os sectores combativos do movimento estudantil, tal como aquando do assassinato de Ribeiro dos Santos...

Contudo, as forças repressivas de que os capitalistas se servem para manter a sua dominação são em grande parte constituídas por operários, trabalhadores e estudantes fardados, obrigados pela força a participarem na guerra colonial-imperialista contra os operários e as massas trabalhadoras das colónias. É por isso os capitalistas temem que mais cedo ou mais tarde os operários, trabalhadores e estudantes portugueses que integram ou não o exército colonial-imperialista venham a tomar na sua grande massa, consciência da identidade de interesses e de objectivos em relação à luta revolucionária dos operários e trabalhadores das colónias. A burguesia teme pois que o movimento de resistência das massas à guerra colonial-imperialista se amplifique, que as deserções e as recusas a embarcar e em combater se multipliquem, que os operários, trabalhadores e estudantes se organizem e viam decididamente as suas armas - não contra os seus camaradas revolucionários de Angola, Guiné-Cabo-Verde e Moçambique - mas contra os capitalistas e os seus lacaios, os comandantes do exército colonial!

É por isso que a burguesia tenta por todos os meios dividir entre si os trabalhadores de Portugal e das Colónias, proclamando a "superioridade da raça branca", apresentando os combatentes revolucionários das colónias como "terroristas ao serviço de países estrangeiros"! É por isso também que tenta isolar entre si os operários, trabalhadores e estudantes portugueses, apresentando estes últimos como "desordeiros", "cabeludos" e "vadios" etc.

Os capitalistas portugueses e o seu Estado ^{querem} pois criar e alargar um fosso entre trabalhadores portugueses e africanos por um lado, e entre trabalhadores e estudantes portugueses por outro. Porque os capitalistas e o seu

Estado sabem que camadas cada vez mais amplas de operários e trabalhadores entram decididamente na luta contra a exploração capitalista e a repressão patronal e estatal. Porque os capitalistas e o seu Estado vêm-se dia a dia em maiores dificuldades com o agravamento da situação militar em Angola, Guiné-Cabo Verde e Moçambique, face ao decidido avanço das forças revolucionárias das colónias que culminou com a declaração de independência da Guiné. Porque os capitalistas e o seu Estado sabem que sectores cada vez mais numerosos e radicalizados de estudantes alargam e aprofundam a sua luta contra a escola e a repressão capitalistas, contra a guerra colonial-imperialista, pela ligação das suas lutas às lutas da classe operária e dos trabalhadores de Portugal e das colónias. Camadas cada vez mais amplas de estudantes vêm travando uma LUTA CRESCENTE CONTRA A SUA CONDIÇÃO DE PRIVILEGIADOS numa sociedade de exploração e repressão permanente sobre as massas trabalhadoras; contra o seu papel de carne-para-canhão na guerra colonial-imperialista e como agentes da ordem militarista no exterior. Os estudantes têm lutado contra a ideologia e o carácter burguês do ensino e contra a política de rentabilização capitalista da universidade que visam torná-los instrumentos dóceis da exploração dos operários nas fábricas. Têm lutado contra a escalada de violência repressiva sobre as suas manifestações e lutas pela conquista do direito à discussão política na universidade. Os estudantes têm, numa palavra, lutado pela transformação da universidade de instrumento da política do capital, em tribuna de denúncia da exploração capitalista, da guerra colonial-imperialista e dos crimes da ditadura fascisto-militar da burguesia.

Foi por essa causa, pela causa dos operários e trabalhadores de Portugal e das colónias, que lutou e foi assassinado o nosso camarada Ribeiro dos Santos. Porém, o seu exemplo não foi esquecido, antes pelo contrário dezenas e dezenas de novos lutadores revolucionários vieram ocupar o seu lugar e alargar a frente de combate contra a política de exploração e guerra dos capitalistas e do seu Estado.

Comemorar a data do seu assassinato é, pois, para nós, camaradas, a afirmação recobrada dos objectivos porque ele lutou, a afirmação da certeza de que a luta contra a exploração capitalista e a guerra colonial, pela via revolucionária entre o proletariado e as massas trabalhadoras de Portugal e das Colónias, contra os capitalistas e o seu Estado, pelo Socialismo, através de cada vez maior número de revolucionários para a frente da luta revolucionária, anti-capitalista, na via da insurreição armada e pela instauração do poder revolucionário dos conselhos operários, trabalhadores e soldados.

Por outro lado e finalmente, num momento em que o golpe militar da burguesia chilena e do capital imperialista desfere contra o proletariado e os trabalhadores do Chile a sua sanguinária fúria fascista; num momento em que esses acontecimentos no Chile nos ilustram, em letras e imagens de sangue dos operários e trabalhadores chilenos, a falência completa das "Frentes Populares" e das "vias eleitorais e pacíficas para o socialismo" dos reformistas e estalinistas.

No momento também em que os capitalistas portugueses e o seu Estado fascista pretendem através das "ELEIÇÕES PARA DEPUTADOS" legalizar a sua ditadura e aumentar a sua dominação sobre os operários e as massas trabalhadoras;

num momento em que para isso a burguesia fascista necessita em que os movimentos de oposição ao regime participem nessa farsa eleitoral (em que a oposição nada pode ganhar, pois tudo já está preparado - reconhecimento, ausência de liberdade de expressão, reunião e associação, etc - para que o Governo ganhe todos os lugares e possa dar arcos de ter vencido lealmente" os seus adversários) ;

num momento em que o governo reprime a actividade oposicionista legal, tenta limitar o tratamento dos problemas políticos nos próprios comícios e ao mesmo tempo que tenta obrigar as CDEs a irem à boca das urnas;

num momento em que, mesmo assim, os reformistas das CDEs se dispõem a co-

... NA FARSAS ELEITORAL FASCISTA, aceitam censurar os seus próprios discursos, colaboram com a repressão na dissolução dos comícios e se preparam para representar esta comédia até ao fim; no momento em que, por tudo isto, os capitalistas e o seu Estado impõem - e os reformistas das CDEs aceitam e colaboram - limitar a expressão dos verdadeiros interesses dos operários e trabalhadores portugueses;

no momento em que tanto os capitalistas como os reformistas pretendem assim desviar as massas da luta revolucionária contra a exploração capitalista, contra a guerra colonial-imperialista e contra a ditadura fascisto-militar da burguesia.

A nossa luta deve passar também pela denúncia do eleitoralismo e do reformismo, manifestando-nos nas escolas e nas ruas, PELO BOICOTE À FARSAS ELEITORAL FASCISTA.

Apelamos portanto para a convocação e marcação de uma MANIFESTAÇÃO CENTRAL ÚNICA a realizar no dia 12 de Outubro, em torno dos seguintes eixos de luta:

CONTRA A REPRESSÃO CAPITALISTA
CONTRA A GUERRA COLONIAL-IMPERIALISTA
BOICOTE À FARSAS ELEITORAL FASCISTA
PELA LIGAÇÃO DAS LUTAS ESTUDANTIS ÀS LUTAS OPERÁRIAS

Contudo o nosso combate deverá continuar, para além das datas comemorativas e dos "períodos eleitorais", para além das reacções prontas às ofensivas repressivas da ditadura fascisto-militar da burguesia, para além da luta por objectivos imediatos que permitam consolidar e reforçar o movimento estudantil; há todo um caminho a trilhar, todo um trabalho de fôlego a empreender, o qual permita incorporar a luta estudantil na torrente única do movimento revolucionário dos operários e das massas trabalhadoras de Portugal e Colónias.



- CONTRA O ISOLAMENTO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL E PELA LIGAÇÃO PERMANENTE DAS LUTAS ESTUDANTIS ÀS LUTAS DO PROLETARIADO E DAS MASSAS TRABALHADORAS!
- PELO APOIO DIRECTO A TODAS AS MANIFESTAÇÕES DE LUTA DA CLASSE OPERÁRIA, DIVULGANDO-AS E INCORPORANDO-NOS NELAS!
- ABAIXO A GUERRA COLONIAL-IMPERIALISTA E PELO APOIO INTERNACIONALISTA ÀS LUTAS DO PROLETARIADO E DAS MASSAS TRABALHADORAS DAS COLÓNIAS!
- CONTRA O ENSINO BURGUES E A RENTABILIZAÇÃO CAPITALISTA DA UNIVERSIDADE!
- FAÇAMOS DA UNIVERSIDADE UMA TRIBUNA DE DENÚNCIA DA EXPLORAÇÃO E CRIMES DA BURGUESIA!
- CONTRA TODAS AS ILUSÕES REFORMISTAS E CONTRA A PARTICIPAÇÃO NAS FARSAS ELEITORAIS FASCISTAS!
- CONTRA A REPRESSÃO DA DITADURA ASSASSINA!
- OPERÁRIOS, TRABALHADORES E ESTUDANTES : UM SÓ COMBATE

11/10/73

TOUPEIRA VERMELHA

O REGIME DE SALAZAR AINDA NÃO MORREU !!

AMIGOS, COMPANHEIROS E CAMARADAS:

O NOSSO CAMARADA RIBEIRO DOS SANTOS FOI ASSASSINADO PELA PIDE (DGS)

No dia 16 de Maio ultimo a policia cercou o Instituto Superior Técnico de Lisboa, e depois invadiu-o destruindo completamente todos os móveis de uma sala e do gabinete do Director, tendo havido dezenas de estudantes e professores feridos.

Mas a luta dos estudantes nao parou, assim como nao parou a luta dos operarios nas fabricas: (Grundig, em Braga, Celulose de Cacia, Philips em Ovar, Pevidem, FACAR no Porto, Amada e S. Mamede).

No dia 12 de Outubro, quando os estudantes de Economicas numa reuniao procuravam identificar um individuo estranho à Universidade, 2 Pides entraram na sala e começaram aos tiros tendo morto o nosso camarada JOSE ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS e ferido gravemente JOSE LAMEGO.

No dia 13 houve manifestações em Lisboa, tendo a policia sido atacada à pedrada, gritando-se "ABAIXO A GUERRA COLONIAL" "ASSASSINOS, ASSASSINOS", houve varios feridos, policias e estudantes.

No dia do funeral (14 de Outubro) houve dezenas de policias e estudantes feridos nas lutas de rua e no cemitério, assim como montras partidas em Bancos e na Embaixada Americana, na Praça Marquês de Pombal.

A MORTE DO NOSSO CAMARADA RIBEIRO E MAIS UM CRIME DA BURGUESIA PORTUGUESA QUE O POVO PORTUGUES NAO PERDOARA !!

ESTE E MAIS UM CRIME A JUNTAR AS CENTENAS DE MILHARES DE OUTROS COMETIDOS CONTRA OS POVOS DAS COLONIAS !!!

HAVEMOS DE VINGAR OS NOSSOS MORTOS !!!!

VINGAREMOS OS CAMARADAS MORTOS A FRENTE DAS LUTAS POPULARES !!!

ABAIXO A GUERRA COLONIAL !

ABAIXO O FASCISMO!!

ABAIXO O IMPERIALISMO!!!

VIVA A REVOLUCAO POPULAR !! VIVA O COMUNISMO !!



★ RIBEIRO DOS SANTOS ★ SERÁ VINGADO!

A História está cheia de exemplos revolucionários. O exemplo daqueles que também no campo da batalha não constitui para nós motivo de derrotismo. Pelo contrário, na sua lembrança compreendemos que a luta árdua que travamos é justa, que o sacrifício de um revolucionário é a expressão mais sublime do heroísmo das massas populares e isto dá-nos coragem. Mas quando esse revolucionário é um camarada, quando deu o seu sangue pela luta que nos propomos organizar, então o significado para nós do seu exemplo torna-se mais grandioso e a sua lembrança mais vital.

A comemoração da morte de Ribeiro dos Santos constitui para nós um marco de luta. No seu exemplo vamos beber o espírito revolucionário, a abnegação e o amor à causa do Povo, e compreender o carácter assassino da burguesia fascista e a traição e colaboracionismo da burguesia revisionista. Em Ribeiro dos Santos, no seu exemplo revolucionário, compreendemos o que é morrer pelo Povo e lutar pelo comunismo.

No dia 12 de Outubro os estudantes de Lisboa reuniram-se em Económicas. Nas imediações os assassinos da pida rondavam, olhos abertos, orelhas esticadas, procurando surpreender quem falava e o que dizia, prontos a intervir a qualquer momento, para impedir que a reunião prosseguisse. Descobertos nos seus manejos pelos estudantes presentes, estes saíram-lhes ao caminho e prenderam-nos, de olhos vendados, num canto da sala, para não podermos denunciar ninguém. Esta foi a justa actuação da assembleia ali reunida. Contra ela e como sempre viraram-se os traidores revisionistas, indignados com a sorte dos "dois pobres homens". Como lambototas que são, foram informar o Director do Instituto do que sucedia e, certamente, pedir "providências". Em pouco tempo juntava-se ao director e à ala dos traidores uma quadrilha de novos pides que conjuntamente organizaram o ataque à reunião de estudantes.

Camaradas, com os inimigos do Povo só conferenciam os traidores! Para nós só existe uma linguagem: corrê-los à porrada! Assim o entenderam os estudantes que estavam reunidos. Assim fez Ribeiro dos Santos que como comunista e combatente de vanguarda da causa revolucionária do Povo se lançou à frente das massas contra a quadrilha assassina da pida e os embaixadores do "diálogo", os revisionistas. Impotentes face à violência das massas, os esbirros pidescos preparavam-se para levar um arraial de porrada, justo correctivo para quem persegue e assassina o Povo quando, agitando a bandeira da traição, os cobardes revisionistas gritam: "Calma! Calma!", na tentativa de impedirem os estudantes de avançar, e ao mesmo tempo formam uma correia entre estes e os assassinos agarraram Ribeiro dos Santos que se encontrava na primeira fila de luta. Já quase derrotada, a corja pidesca aproveita o momento para puxar da pistola e descarregá-la sobre Ribeiro dos Santos e um seu companheiro de luta. Como se dizia num panfleto aparecido em Lisboa na altura:

"Mas este golpe assassino da burguesia não podia passar despercebido. Os burgueses assassinaram um comunista verdadeiro que, porque era querido e estimado pelas massas, lhes transmitira o seu espírito revolucionário, dando-lhes o exemplo da luta contra a Burguesia fascista e revisionista. As massas, estudantes e populares, na manifestação após a morte de R. Santos, souberam responder a este intento reaccionário da burguesia de querer parar o movimento revolucionário. E muitos revolucionários compreenderam a necessidade e a justiça de preencher o lugar de R. Santos, organizando-se com os comunistas, muitos estudantes avançaram na sua consciência, tornaram-se verdadeiros revolucionários. Não devemos esquecer que foi a ligação às massas dos comunistas e de R. Santos que permitiu que o pérfido golpe da burguesia se transformasse no seu contrário nas manifestações violentas que preencheram essa jornada de luta." Muitos de nós não demos a ilusão na ingenuidade e honestidade que poderíamos ter os revisionistas. Vimos pela nossa própria experiência que são

tão assassinos como qualquer outro burguês. Compreendemos que o fascismo e o revisionismo não são posições antagónicas, têm o mesmo objectivo: a defesa dos interesses da burguesia contra os interesses do Povo, perpetuar a exploração e a opressão sobre as classes trabalhadoras e a regressão sobre o movimento revolucionário. O primeiro utilizando o poder governamental, o exército e a policia como armas principais; o segundo com mais astúcia veste-se com pele de cordeiro, tendo aprendido com os resultados da acção dos fascistas que tão descoradamente se apresentam que já não enganam ninguém, utilizando a traição como a sua arma principal. Por isso ambos se atiram com unhas e dentes ao combate dos comunistas que se encontram na vanguarda da luta popular.

A íntima amizade que existiu entre pides e revisionistas no assassinato de R. Santos; entre os fascistas que mandaram carregar a policia de choque sobre os estudantes durante o funeral daquele camarada e os revisionistas que tentaram impedir-lhes de lutar na rua, clamando a altos berros que viessem para as escolas; entre autoridades fascistas que dividiram a meio a sala R. Santos e revisionistas que arrancaram das paredes das AANEs e da Cantina Universitária as fotografias de R. Santos, esta amizade repete-se agora com traços de gala na aliança fascista-revisionista à volta da fantochada eleitoral, no vão intuito de isolar os comunistas e a linha revolucionária popular.

Camaradas, o dia 12 de Out. é um dia de luta contra o fascismo, o revisionismo e todos os traidores à luta popular dos estudantes! Esqueçê-lo seria permitir que novas punhaladas fossem desferidas sobre o nosso combate, principalmente neste momento em que aliados dos fascistas, os revisionistas conjugam forças para iludir o Povo, para o afastar da via da Revolução Popular, apenando ao Povo com o diálogo com os fascistas nas eleições. Hoje, como em 12 de Out. de 1972, o diálogo entre a canalhada fascista e revisionista visa o mesmo objectivo: lutar contra os comunistas e contra a luta revolucionária do Povo. Camaradas, neste dia empunhamos gloriosamente a bandeira vermelha da Revolução, da luta contra o fascismo, contra a fantochada eleitoral, contra a aliança reaccionária a fascista-revisionista, que se ontem se juntaram para assassinar R. Santos e reprimir a luta dos estudantes, hoje dão de novo as mãos para traír o Povo Português.

Camaradas, façamos do 12 de Out. de 1973 uma grande jornada de luta revolucionária em vingança do nosso camarada assassinado!
Vingar um combatente do Povo é lutar pelo Povo!

- RIBEIRO DOS SANTOS SERÁ VINGADO!
- ABAIXO A ALIANÇA REACCIONÁRIA DE FASCISTAS
E REVISIONISTAS !
- ABAIXO A FANTOCHADA ELEITORAL!
- EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!
- VIVA O COMUNISMO!

COMITÉS REVOLUCIONÁRIOS DE ESTUDANTES COMUNISTAS
DE PORTUGAL (CREC's)

TIREMOS AS LIÇÕES DO 12 DE OUTUBRO NO PORTO



Para o dia 12 de Outubro os CRECs tinham convocado uma manifestação, chamando as massas estudantis e os trabalhadores do Porto a comparecer no Carmo às 18h e 30m para a comemoração revolucionária do 1º Aniversário do assassinato de Ribeiro dos Santos. Na situação actual do Movimento Estudantil Revolucionário, importava prosseguir com renovada energia no caminho da luta ao lado do Povo, e a data do assassinato de Ribeiro dos Santos, estudante revolucionário caído numa frente da luta popular, devia pelo seu significado político ser transformada num marco desse caminho, o seu exemplo de lutador da causa do Povo devia ser apontado às massas de estudantes, os revolucionários deviam trabalhar para que a luta em sua vingança acoressem largas massas dispostas à acção aberta e violenta contra a burguesia. Mais ainda, a morte de um revolucionário assassinado graças à cumplicidade de fascistas e revisionistas, devia ser lembrada num momento em que os inimigos do Povo se aliavam contra ele à luz do dia na fan-
tochada das eleições burguesas.

Unir as massas estudantis para a luta contra o fascismo e revisionismo no 1º Aniversário de R. Santos era um objectivo e um dever de todos os estudantes revolucionários de todos os que estão dispostos a lutar pela vitória das posições populares e o esmagamento das posições burguesas e revisionistas no M.E. Trabalhar para alcançar esse objectivo era, acima de tudo, o dever dos estudantes comunistas. A experiência mostra-nos que as lutas de massas são derrotadas ou desviadas para interesses reacçãoários se lá não estão os comunistas a dirigi-las, a organiza-las, a enquadrá-las na perspectiva revolucionária de Servir o Povo, segundo a linha marxista-leninista.

O objectivo principal dos comunistas no M.E. é organizar e dirigir as massas estudantis na senda da luta popular, sob a direcção da vanguarda organizada da classe operária. Para isso, onde quer que se agitem os motivos da revolta estudantil contra a opressão e a injustiça, contra o inimigo fascista e o laçao revisionista, onde quer que as massas sejam atacadas pela violência ou a traição, os comunistas devem colocar-se desde o início, na 1ª linha da defesa dos seus interesses, despertá-las e educá-las para a luta, apontar o caminho da violência revolucionária ao lado do Povo, e dirigi-las na luta.

Neste sentido, era uma posição justa considerar que só uma acção de massas directamente voltada contra o poder fascista da burguesia exprimiria, em 12 de Outubro de 1973, os interesses revolucionários das largas massas dispostas a prosseguir na luta em vingança do camarada assassinado, e que só uma tal acção exprimiria também os profundos interesses de todo o Povo numa altura em que a burguesia lhe apontava o canhão das Eleições, e seria a aplicação viva da linha revolucionária popular de Boicote às Eleições Burguesas pela violência revolucionária de massas.

II

Durante toda a semana anterior ao 12 de Outubro, as Faculdades, Escolas Técnicas, Liceus e Institutos do Porto e de localidades próximas (Matosinhos, Póvoa, Braga, etc.) foram cobertas de milhares de panfletos e tarjetas convocatórias para a manifestação do Carmo. Lençóis de inscrições vermelhas da nossa Organização surgiram no interior das Escolas chamando à luta revolucionária no dia 12. Panfletos dirigidos aos camaradas operários e operárias e a todos os jovens trabalhadores do Porto chamavam as massas populares a participar na luta em vingança de Ribeiro dos Santos.

A propaganda era lida e discutida. Apesar dos esforços desesperados da pidalhada que invadiu as escolas, apesar da burguesia aumentar as férias para depois do dia 12, a manifestação convocada era largamente conhecida. No entanto, esse esforço de propaganda não era acompanhada por uma acção eficaz junto das massas, capaz de integrar as reivindicações concretas de cada sector, unir os estudantes e integrar cada foco de agitação e cada pequena luta na direcção da comemoração revolucionária do 12 de Outubro. Pelo contrário, no interior das Escolas a inactividade e o conformismo perante a natural dispersão dos estudantes provocada pela inexistência de aulas, vinham juntar-se à completa ausência de resposta combativa ao ambiente geral de medo provocado pela presença opressiva e constante da policia e da gorilada vigilante. Excepto a convocatória tímida de um meeting para a tarde do dia 12 nada se fez durante este período que viesse a trazer a paz pedre nas Escolas. Não se procurou, ao contrário de Outubro do ano passado,

SERVIRO POVO

- Informações da luta estudantil -

pág 3

12 DE OUTUBRO - EM GUIMARÃES A LISBOA, OS ESTUDANTES PORTUGUESES, FIZERAM DO ANIVERSÁRIO DA MORTE DE RIBEIRO SANTOS, UMA GRANDE JORNADA DE LUTA REVOLUCIONÁRIA!

Um ano após as balas assassinas da Pide terem roubado a luta revolucionária dos estudantes esse combatente da causa do Povo que foi o nosso camarada Ribeiro Santos, os estudantes de Portugal vieram mostrar na rua que não serão nem os criminosos fascistas que a mataram nem os traidores revisionistas que ajudaram a assassina-lo, que poderão desviar o seu movimento do caminho bem traçado pelo qual se une, de modo cada vez mais firme e mais massivo, a luta de todo o Povo português contra a exploração, a opressão e a guerra!

Por isso fizeram do dia 12 de Outubro uma data de "combate", na qual se cimenta a unidade na acção dos estudantes de todo o país, decididos a combater ao lado do Povo sob a direcção da Classe Operária! Por isso definiram essa data como uma jornada de luta contra a aliança fascista-revisionista, oculta por trás do assassinato de Ribeiro Santos,, presente este ano, à luz do dia para dirigir contra o Povo revolucionário as suas forças unidas na Fantochada das Eleições Burguesas!

O imponente dispositivo policial e militar colocada nos centros estudantis do país por uma burguesia amedrontada, os vários erros e deficiências verificados na organização da luta (como os que impediram a realização da manifestação convocada para o Porto pela nossa organização, e que analisamos noutro lugar) e sobretudo a situação de ainda relativa divisão das forças revolucionárias no movimento estudantil, contribuíram no seu conjunto para que nesta data a nossa luta não tivesse dado todos os passos em frente que tinham sido previstos. A organização e o enquadramento na luta de largas massas, ainda inexperientes no confronto violento com as polícias fascistas, o combate às tendências sectárias e radicais pequeno-burguesas que procuram dividir as massas estudantis, a direcção e correcta ligação dos vários planos de luta de molde a permitir unir as mais largas massas na luta por objectivos políticos revolucionários, são outros tantos campos da nossa acção em que é necessário realizar novos e constantes aperfeiçoamentos nos nossos métodos de trabalho e organização, e que só a consolidação das bases materiais que nos permitirão levantar o Destacamento Estudantil do Partido do Proletariado poderá tornar possível realizar.

No entanto, e apesar das falhas apontadas a jornada de luta do 12 de Outubro saldou-se sem dúvida num novo e importante avanço da luta estudantil revolucionária. Apesar de todo o aparato policial, intimidações, prisões, concentrações repressivas, a burguesia não pôde evitar que novas forças viessem integrar-se na luta revolucionária (como na manifestação de Guimarães), que os estudantes viessem para a rua em vários pontos do país gritar bem alto os nossos objectivos revolucionários populares em plena campanha eleitoralista que pretendia "cívica e ordeira", e nem com a ajuda dos seus acólitos revisionistas e "democratas" conseguiu fazer esquecer a data em que os seus lacaios assassinaram o nosso camarada, e na qual todos os anos se materializará de forma cada vez mais segura e maior a unidade de milhares de estudantes portugueses em luta pela Revolução Popular!

Em Guimarães, cerca de 100 estudantes do Liceu e da Escola Industrial se juntaram por volta das 19h no Largo da Condessa de Juncal num meeting convocado pelas organizações sindicais dos estudantes de Guimarães, onde, com a presença e participação de numerosos trabalhadores, aprovaram um Comunicado à População, no qual declaram:

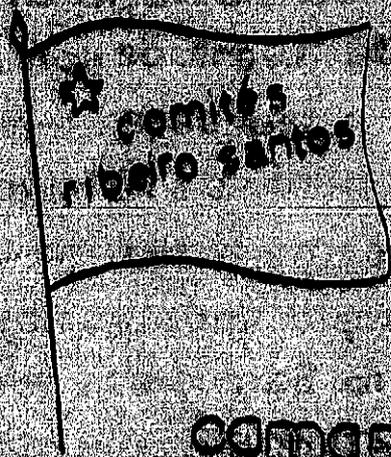
"Nós lutamos por um ensino ao Serviço do Povo numa sociedade construída e dirigida pelos trabalhadores... Hoje, no aniversário da morte do nosso colega, nos queremos dizer a todos os trabalhadores que prosseguiremos a luta sem nos amedrontarmos com a repressão fascista: os crimes da burguesia não serão esquecidos e serão vingados!"

Queremos reafirmar a nossa vontade de honrar o exemplo heroico do nosso camarada, lutando firmemente ao lado do Povo, fazendo nossos os seus interesses. Queremos dizer que sabemos que o povo quando se ergue para combater os que o oprimem, o exploram, o enviam à força para a guerra colonial, é invencível! Ao seu lado não temos medo das prisões, nem das balas assassinas, ao seu lado a nossa luta será vitoriosa!"

Fram 19h15m quando a maioria dos presentes no meeting arrancou em manifestação em direcção a Rua Nova, distribuindo comunicados e gritando ABAIXO A GUERRA COLONIAL! NÃO ÀS ELEIÇÕES BURGUESAS! VIVA A GUINÉ INDEPENDENTE! REVOLUÇÃO POPULAR!, com grande apoio da po-

(cont. pag 18)

os estudantes ao lado do povo e sob a direção da classe operária



12 OUTUBRO - DIA DE LUTA NA RUA
E DE CHEVE EM TODAS AS ESCOLAS

TODOS À MANIFESTAÇÃO P. DOS LEÕES
12 OUTUBRO 18:30H

Comerado:

O dia 12 de outubro de 1973, é o dia do 1º aniversário do
assassinato fascista-revisionista do heróico camarada **RIBEIRO
SANTOS**. É um dia de luta contra o fascismo e o revisionismo. É
uma jornada de educação popular no espírito audaz, combativo e
luminoso de **RIBEIRO SANTOS**.

RIBEIRO SANTOS tombou a lutar a lutar pelo



nosso povo e pela sua causa, pelo Pão, pela Paz, pela Terra, pela liberdade, pela Democracia e pela Independência Nacional.

Ribeiro Santos, estirpe luminosa da juventude portuguesa, cuja incanescer que precisasse com o teu sangue ter til o caminho que devemos trilhar, manter heroico e humilde sangue do nosso sangue, da tua da nossa carne a tua memória é nos quenda e sagrada, o teu exemplo impate - nos para o combate vitorioso. Camarada Ribeiro Santos nos seremos dignos de ti e transformaremos o 12 de Outubro num dia de inferno tanto para os fascistas como para os revisionistas.

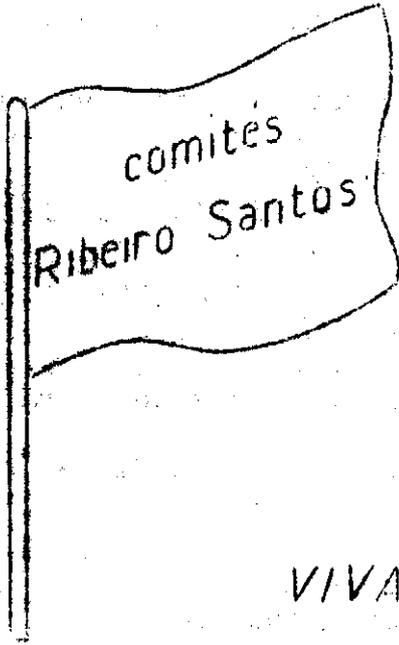
Nos apoiamos a convocação de manifestação na Praça para o Campo às 18:30H. feita pela F.F.M.L. e apelamos para que as massas estudantis realizem o REVENDELA com ocupação das aulas para discussão, façam comícios, reuniões, etc. e desçam à rua unidas como um só, armados do espírito Ribeiro Santos! HONRA A RIBEIRO SANTOS!

Porto, 9/10/70

OS DOMINOS RIBEIRO SANTOS

Manifestação Popular
pr. Chile dia 19 às 19H30

VINGUEMOS NA RUA
OS CAMARADAS CAÍDOS!



ABAIXO A REPRESSÃO FASCISTA!

VIVA A JUSTA LUTA DOS OPERÁRIOS DA TAP!

OS ESTUDANTES AO LADO DO POVO
E SOB A DIRECCÃO DA CLASSE OPERÁRIA!

CAMARADAS:

A juventude estudantil, essa poderosa força revolucionária só poderá alcançar os seus ideais de Liberdade, Justiça e Progresso se integrar a sua luta com a luta da classe operária e sob a sua direcção.

A luta que a burguesia trava contra o proletariado para atrair a si a juventude e em particular a juventude estudantil é uma luta de cujo desfecho depende muito o triunfo da Revolução Democrática e Popular. Nós devemos rejeitar como falsas e reacccionárias todas as "teorias" que nos tentam afastar da classe operária e do povo e da direcção proletária das nossas lutas.

A luta do povo pelo PAZ, TERRA, LIBERDADE, DEMOCRACIA e INDEPENDENCIA NACIONAL é a nossa própria luta. Sem o triunfo da causa do povo, nunca poderemos desenvolver todas as nossas potencialidades, ligar o ensino ao trabalho produtivo e ao progresso da sociedade nova, servir as largas massas de operários e camponeses.

A luta dos operários da TAP é uma luta justa e vencerá certamente. É nestes momentos de luta dura e aberta contra os senhores do capital que devemos mostrar inequivocamente de que lado nos colocamos. Os renegados revisionistas e neo-revisionistas têm demonstrado por mais de uma vez que se colocam do lado do fascismo e da reacção. Nós e todas as forças progressistas colocamo-nos do lado do Povo e da Revolução.

A classe operária luta na rua! Nós lutamos também! Ao seu lado aprendamos a combater o inimigo! Na refrega da luta iluminados pela sua luz nós crescemos e fortalecemo-nos!

A gloriosa e heróica juventude de Angola, Guiné e Moçambique aponta-nos o caminho a seguir. Servindo o seu povo, o grande povo português e firme como um rochedo no seu posto de combate morreu o heróico camarada Ribeiro Santos. Firmes na luta, operários da TAP! Nós estamos convencidos a nossa causa triunfará!

OS COMITÉS RIBEIRO SANTOS



**RIBEIRO
SANTOS**

Romagem ao Cemitério da Ajuda - 11 horas

Organização: Centro de Estudos Operários - Memória Laboral

HONREMOS RIBEIRO SANTOS!

*Vararam-te no corpo e não na força
e não importa o nome de quem eras
naquela tarde foste apenas corsa
indefesa morrendo às mãos das feras.*

*Mas feras é demais. Apenas hienas
tão pútridas tão fétidas tão cães
que na sombra farejam as algemas
do nome agora morte que tu tens.*

*Morreste às mãos da tarde mas foi cedo.
Morreste porque não às mãos do medo
que a todos pôs calados e cativos.*

*Por essa tarde havemos de vingar-te
por essa morte havemos de cantar-te:
Para nós não há mortos. Só há vivos.*

José Carlos Ary dos Santos

Por mais que se calem
por mais voltas que dê o mundo
por mais que neguem os acontecimentos;
por mais repressão que o estado instaure;
por mais que lavem a cara com a democracia burguesa;
por mais assassinatos de estado que cometam e calem;
por mais greves de fome que silenciem;
por mais que tenham saturado os cárceres;
por mais pactos que engendrem os controladores de classe;
por mais guerras e repressão que imponham
por mais que tentem negar a história e a memória
da nossa classe

Mais alto diremos:
assassinos de povos
miséria de fome e liberdade
negociadores de vidas alheias
mais alto que nunca, em grito ou em silêncio,
recordaremos os vossos assassinatos
de gentes, vidas, povos e natureza.
De boca em boca, passo a passo, pouco a pouco.

SALVADOR PUIG ANTICH



RIBEIRO SANTOS

**Um combate de
ontem e de hoje**

Centro de Estudos Operários - Memória Laboral

12 • OUTUBRO • 1972 ★

RIBEIRO SANTOS
ESTUDANTE REVOLUCIONÁRIO
ASSASSINADO PELA PIDE



**NÃO ESQUECEMOS
OS NOSSOS MORTOS**

Centro de Estudos Operários
Memória Laboral

TODOS À MANIFESTAÇÃO NO PORTO

SEXTA-FEIRA, DIA 12 DE OUTUBRO

AS 18h 30m

NA PRAÇA DOS LEÕES
(CARMO)

GENERALIZ: DIVULGA ESTA CONVOCATÓRIA POR TODAS AS MANEIRAS!



NOTA DO MINISTRO DO INTERIOR SOBRE INCIDENTES NO I. S. C. E. F.

O gabinete do ministro do Interior distribuiu ontem, através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, o seguinte comunicado:

Concluído o inquérito a que imediatamente procedeu a Direcção-Geral de Segurança sobre o incidente verificado na quinta-feira, dia 12, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, apurou-se que o secretário do Instituto, cerca das 17 horas, pediu telefonicamente à Direcção-Geral de Segurança para mandar identificar um indivíduo que ali se encontrava referido pelos estudantes e dizia ser agente daquela Direcção-Geral agindo sob as ordens de determinado inspector.

Os nomes do agente e do inspector não conferiam com nenhum daqueles que estão no serviço da mesma Direcção-Geral, mas o funcionário que atendeu a chamada, dada a insistência do pedido e a estranha situação criada na escola, determinou que ali fossem dois agentes descomprometer-se da missão solicitada.

Os agentes destacados foram recebidos pelo secretário do Instituto, a quem se dirigiram cerca das 18 e 30, tendo pedido que lhes fosse apresentado o indivíduo a identificar.

O secretário do Instituto mandou então chamar os representantes dos estudantes que retinham, sequestrado, o referido indivíduo. Os agentes pretenderam que o suspeito fosse trazido à sua presença, insistindo os estudantes para que fossem eles ao seu en-

contro, no anfiteatro, a fim de que a identificação se fizesse perante todos os colegas presentes.

Os agentes acabaram por aceder, em face da cordura das palavras dos estudantes e da tranquilidade do ambiente, sendo como condição serem acompanhados nesta diligência pelo secretário do Instituto.

Chegados ao anfiteatro, encontraram ali um indivíduo de pé, junto do quadro preto, com um saco de papel enfiado na cabeça até aos ombros e as mãos amarradas atrás das costas, perante mais de duas centenas de estudantes — rapazes e raparigas —, em condições que nem o secretário do Instituto nem os estudantes com quem tinham contactado haviam de qualquer modo denunciado, nem eles, agentes, podiam suspeitar.

Começaram por ser vaiados logo à entrada, mas obtida uma pequena calma, que lhes permitiu justificar a sua presença, um dos estudantes retirou o saco de papel da cabeça do sequestrado. Os agentes afirmaram logo, peremptoriamente, que não se tratava de nenhum funcionário da Direcção-Geral de Segurança.

Ouviram, então, insultos e ameaças, ao mesmo tempo que um grupo passou deliberadamente à agressão, tentando dominá-los, envolvendo-os, manietando-os e agredindo-os a pontapé, a soco e com objectos contundentes.

Um dos agentes foi completamente detido e o outro, embora agarrado pelas costas, conseguiu retirar a pistola da

cintura e fazer três tiros com o propósito de intimidar os seus agressores e em condições de não poder alvejar qualquer deles.

A confusão criada produziu a debandada geral, permitindo a libertação dos agentes e a fuga do indivíduo suspeito, que ficou por identificar.

Os agentes sofreram várias contusões devidas ao espancamento, dirigindo-se, por isso, ao Hospital de São José para serem examinados.

Cerca das 21 horas soube-se, através da Polícia de Segurança Pública, que haviam sido conduzidos ao Hospital de Santa Maria dois feridos e, mais tarde, que um deles havia falecido.

No Instituto, os agentes não se aperceberam de que os tiros houvessem causado ferimentos e o transporte dos feridos, realizou-se, em automóveis particulares, por forma tão discreta que os estudantes que acompanharam os seus colegas, ao hospital, nem sequer chegaram a ser identificados.

Ambos os feridos estavam matriculados na Faculdade de Direito, sendo, portanto, estranhos ao Instituto onde se produziu o incidente. Um deles, José Alberto Rebelo dos Reis, foi recolhido pelos agentes, quando transferido para o Hospital de São José, como um dos mais activos elementos do motim, ficando, por isso, sob prisão.

A organização e preparação de todo este processo, que se desenvolveu ao longo de algumas horas, mostra como

elementos recrutados em várias escolas, conduzem a acção subversiva e aproveitam a oportunidade de atrair os agentes da Direcção-Geral de Segurança a uma farsa de tribunal estudantil, para os veiar e agredir.

A acção de grupos subversivos dentro das escolas vem sendo assialada, há muito tempo, tornando-se cada dia mais claras as suas intenções. As organizações clandestinas já conhecidas actuam dentro e fora das escolas e têm de ser responsabilizadas por mais este grave acontecimento.

Comunistas e maoístas responsabilizam-se mutuamente por estas acções, mas mostram-se unidos no ataque à autoridade e às instituições, utilizando os meios de que dispõem para fomentar a subversão.

A gravidade dos factos relectados, que lamentavelmente causaram a perda de uma vida, deve fazer reflectir sobre os comportamentos que se impõem neste momento.

Não podemos dar oportunidade aos grupos extremistas de alimentar a luta, de fomentar a violência, perturbar a tranquilidade pública e prejudicar os interesses gerais.

Determinou-se, por isso, que fossem proibidas quaisquer manifestações públicas.

Folhas clandestinas tentam explorar a realização do funeral que todavia não poderá ser objecto de especulação política, nem aproveitado pelos culpados da sementeira de violência que se pretende fazer entre a juventude.

A CAPITAL EDITORIAL

Os estudantes

As informações que nos chegam — ao regressarmos a Portugal — acerca dos acontecimentos verificados nos últimos dias, entre as forças encarregadas de assegurar a ordem e determinados núcleos de estudantes universitários, não parecem ser de molde a deixar indiferente quem quer que seja.

oOo

A perda de uma vida — sobretudo se jovem e promissora — é sempre motivo de mágoa, independentemente do quadrante ideológico em que a vítima se situava. Morrer-se entre os 20 e os 30 anos, no decurso do esforço escolar (grande ou pequeno pouco importa) preparatório da conquista de «um lugar ao sol», deve ser sempre assinalado com nota triste.

Quando se morre cessam os antagonismos, abatem-se as barreiras, fica-se de pé. Porque só a morte é definitiva — e insondável. Daí o respeito que os mortos merecem. Sejam quais forem as circunstâncias que ocasionaram a perda dessa vida.

oOo

Não se infira, porém, destas linhas — ditadas pelo exclusivo respeito devido à dignidade humana de cada um — que se aprovam, louvam ou sequer se absolvem os responsáveis pelos acontecimentos que conduziram aos incidentes da semana passada entre alguns estudantes e a Polícia.

Respeitar os mortos é uma coisa. Arvorá-los em mártires é outra — e bem diversa.

— Já aqui tivemos ensejo de escrever — por

diversas vezes — que o País carece de ordem, ños espíritos e nas ruas, para levar a bom termo a tarefa de progresso e desenvolvimento em que está empenhado. Não será possível transigir com quantos consentem transformar-se em veículos perturbadores da paz social.

O Estado não deve ser violento. Mas terá que responder à força com a força se os limites da legalidade não forem respeitados e as regras do jogo não se cumprirem.

oOo

É necessário que a opinião pública permaneça atenta e não se deixe iludir.

As reivindicações estudantis e o inconformismo juvenil não podem converter-se em antecâmaras de subversão social. Os estudantes — na sua esmagadora maioria — têm que saber distinguir entre aquilo que representa o irrequietismo próprio da juventude e a actuação minuciosa e sistematicamente programada de grupúsculos desejosos de estabelecer um clima irreversível de desordem e perturbação.

Qualquer que seja o invólucro ideológico do poder político, qualquer que seja a latitude geográfica onde o seu *múnus* se exerça, o primeiro entre todos os deveres de um governo, consciente das suas responsabilidades, será sempre o de não permitir que as organizações activistas utilizem o idealismo ou a apatia da restante camada populacional para impor o triunfo das ideologias que abraçaram. Em Lisboa. Em Paris. Em Moscovo. Em Santiago do Chile. Ou em Pequim.

A prevenção e a repressão policiais verificam-se em todos os quadrantes — geográficos ou ideológicos. Não são monopólio das esquerdas ou das direitas. Mas do Poder.

Seja este de expressão marxista — ao serviço da chamada ditadura do proletariado — ou represente a síntese, mais ou menos conseguida, do bem comum, a ordem surge como imperativo prioritário insusceptível de ser posta em causa.

A maioria silenciosa — mas consciente —, do povo português, não se deixará ludibriar. Permanecerá atenta. Respeitando os mortos. Defendendo os vivos. Sobretudo os vindouros. Sim. Os vindouros.

A SAÍDA DO FUNERAL DO ESTUDANTE DE DIREITO DEU ORIGEM A DESACATOS QUE OBRIGARAM À INTERVENÇÃO DA FORÇA PÚBLICA

O funeral do estudante José António Leitão Ribeiro dos Santos (que há dois dias faleceu no Hospital Santa Maria em consequência dos incidentes no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras), provocou ontem, ao princípio da tarde, um recontro entre a Polícia e grupos de pessoas, na sua maioria estudantes, que se encontravam concentrados no Largo de Santos, em frente da casa do universitário, donde partiu o féretro a caminho do cemitério da Ajuda.

O clima de sossego e muita ordem que precedera a saída da urna não fazia prever os ulteriores acontecimentos.

Aos ombros de colegas da Faculdade, a urna saiu de casa cerca das 15.30 h. mas, em vez de ser depositada no carro funerário, foi transportada para o enfiamento da Rua das Janelas Verdes.

Gerou-se natural confusão entre os agentes da autoridade, apalhados um pouco de surpresa com o desenrolar dos acontecimentos. Em breve espaço de minutos os polícias tomaram, porém, as suas posições, fazendo-os dispersar.

Ainda antes de chegarem novos reforços, algumas centenas de jovens agrediram à pedrada os agentes da autoridade, tendo um deles sido atingido na cabeça e imediatamente

transportado num táxi ao Hospital de São José.

Entretanto, o caixão permanecia aos ombros dos jovens universitários na Rua das Janelas Verdes, os quais teimavam em transportar a urna a pé até ao cemitério.

A Polícia tentou removê-los, dizendo que, por postura municipal, são proibidos em Lisboa os funerais a pé. Diante a irredutível negativa dos jovens, estes foram obrigados, à força, a desistir dos seus intentos.

Aos ombros de vários polícias o caixão foi metido dentro do carro funerário, imolando-se então o cortejo automóvel que seguiu pela Avenida de Ocute, Auto-Estrada e Restelo até ao cemitério da Ajuda, não havendo mais distúrbios a registar.

Durante o resto da tarde, grupos de indivíduos, na sua maioria jovens estudantes partiram, à semelhança do dia anterior, várias montras de estabelecimentos bancários na Avenida Duque de Loulé, registando-se nada Duque de Loulé, registando-se partes da cidade, nomeadamente no Intendente, onde ficaram feridos alguns polícias e estudantes.

★

Nos vários incidentes verificados, ficaram feridos, tendo recebido tratamento no Hospital de S. José, os guardas da P. S. P. Fernando Rodrigues Costa, de 31 anos, residente na Rua D. Fias Roupinho, 19, 2.º, esq., Alexandre Martins da Costa Rodrigues, de 27 anos, e António José Guimarães Fonseca, de 25 anos, e os estudantes José dos Santos Escorval, de 27 anos, e seu irmão António Catarino dos Santos Escorval, residentes em Corroios.

INCIDENTE NO INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS E FINANCEIRAS

A CAPITAL

13 OUT. 1972

A direcção do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras distribuiu o seguinte comunicado:

Tendo sido notada, durante a tarde do dia 12, por alguns estudantes, a presença, nas instalações do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, de um indivíduo que lhes pareceu estranho à escola e tendo este recusado identificar-se, foi solicitado ao secretário do Instituto que pedisse a esse indivíduo a sua identificação.

Após várias contradições, tendo a certa altura afirmado ser agente da Direcção-Geral de Segurança, foi contactada essa Direcção-Geral, que informou não existir qualquer agente com o nome indicado, nem qualquer chefe com o nome também citado pelo indivíduo como sendo o do seu superior hierárquico. Nestas condições, a Direcção-Geral de Segurança comunicou que iria enviar dois agentes para procederem à sua identificação.

Enquanto se aguardava a chegada dos dois agentes, foi aquele indivíduo levado por um grupo de estudantes para um anfiteatro, onde rapidamente se juntaram numerosas pessoas.

Após a chegada dos agentes, dirigiram-se estes, acompanhados pelo secretário e por elementos da direcção da Associação dos Estudantes, para o anfiteatro, a fim de procederem à identificação, logo afirmando não pertencer o mesmo indivíduo, à Direcção-Geral. Suscitou-se, nessa altura, burburinho, havendo um grupo molestado esse indivíduo, enquanto outro, apesar dos esforços de numerosos estudantes para restabelecer a calma, atacava os dois agentes. Gerou-se, assim, grande confusão e verificaram-se atropelos dentro do anfiteatro, havendo sido

disparados alguns tiros e sabendo-se que foram transportados dois feridos em automóveis particulares.

A direcção da escola não pode deixar de lamentar profundamente o ocorrido e irá promover a realização de um inquérito imediato sobre estes factos.

• Morreu um dos estudantes feridos ontem no I. S. C. E. F.

Cerca das 19 horas de ontem, morreu, no Hospital de Santa Maria, o quartanista de Direito, José António Ribeiro dos Santos, de 26 anos, filho do dr. Vasco Ribeiro dos Santos, médico assistente dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

Um familiar informou «A Capital» que a vítima se encontrava ontem no I. S. C. E. F. quando se registaram os incidentes.

No mesmo estabelecimento hospitalar está internado José Alberto Rebelo dos Reis, de 19 anos, aluno do 2.º ano de Direito, o qual apresenta ferimentos na perna esquerda.

Dois agentes da Direcção-Geral de Segurança, António Joaquim Gomes da Rocha, de 32 anos, agente de 2.ª classe, e João Baptista Cabral da Costa, de 38 anos, agente de 1.ª classe, ficaram feridos sem gravidade e, tendo recebido tratamento hospitalar, recolheram a suas casas.

• O director do I. S. C. E. F. em reunião no Ministério da Educação

Durante a manhã de hoje, o director do Instituto de Ciências Económicas e Financeiras esteve, em reunião, no Ministério da Educação Nacional.

UM COMUNICADO DO MINISTÉRIO DO INTERIOR

sobre o incidente no Instituto
Superior de Ciências Económicas e Financeiras

DIÁRIO DE
NOTÍCIAS
14 OUT. 1972

Através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, recebemos do gabinete do ministro do Interior o seguinte comunicado:

«Concluído o inquérito a que imediatamente procedeu a Direcção-Geral de Segurança sobre o incidente verificado na quinta-feira, 12, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, apurou-se que o secretário do Instituto, cerca das 17 horas, pediu telefonicamente à Direcção-Geral de Segurança para mandar identificar um indivíduo que ali se encontrava referido pelos estudantes e dizia ser agente daquela Direcção-Geral, agindo sob as ordens de determinado inspector.

Os nomes do agente e do inspector não conferiam com nenhum daqueles que estão ao serviço da mesma Direcção-Geral, mas o funcionário que atendeu a chamada, dada a insistência do pedido e a estranha situação criada na escola, determinou que ali fossem dois agentes desempenhar-se da missão solicitada.

Os agentes destacados foram recebidos pelo secretário do Instituto, a quem se dirigiram cerca das 18-30, tendo pedido que lhes fosse apresentado o indivíduo a identificar.

O secretário do Instituto mandou então chamar os representantes dos estudantes que retinham, sequestrado, o referido indivíduo. Os agentes pretenderam que o suspeito fosse trazido à sua presença, insistindo os estudantes para que fossem eles ao seu encontro, no anfiteatro, a fim de que a identificação se fizesse perante todos os colegas presentes.

Os agentes acabaram por aceder, em face da cordura das palavras dos estudantes e da tranquilidade do ambiente, pondo como condição serem acompanhados, nesta diligência, pelo secretário.

Chegados ao anfiteatro, encontraram ali um indivíduo de pé, junto do quadro preto, com um saco de papel enfiado na cabeça até aos ombros e as mãos amarradas atrás das costas, perante mais de duas centenas de estudantes — rapazes e raparigas — em condições que nem o secretário do Instituto nem os estudantes com quem tinham contactado haviam de qualquer modo denunciado, nem eles, agentes, podiam suspeitar.

Começaram por ser valados logo à entrada, mas obtida uma pequena acalmia que lhes permitiu justificar a sua presença, um dos estudantes retirou o saco de papel da cabeça do sequestrado.

Os agentes afirmaram logo, peremptoriamente, que não se tratava de nenhum funcionário da Direcção-Geral de Segurança.

Ouviram, então, insultos e ameaças, ao mesmo tempo que um grupo passou deliberadamente à agressão, tentando dominá-los, envolvendo-os, manietando-os e agredindo-os a pontapé, a soco e com objectos contundentes.

Um dos agentes foi completamente dominado e o outro, embora agarrado pelas costas, conseguiu retirar a pistola da cintura e fazer três tiros com o propósito de intimidar os seus agressores e em condições de não poder alvejar qualquer deles.

A confusão criada produziu a debandada geral, permitindo a libertação dos agentes e a fuga do indivíduo suspeito, que ficou por identificar.

Os agentes sofreram várias contusões devidas ao espancamento, dirigindo-se, por isso, ao Hospital de S. José, para serem examinados.

Cerca das 21 horas, soube-se, através da Polícia de Segurança Pública, que haviam sido conduzidos ao Hospital de Santa Maria dois feridos e, mais tarde, que um deles havia falecido.

No Instituto, os agentes não se aperceberam de que os tiros houvessem causado ferimentos e o transporte dos feridos realizou-se, em automóveis particulares, por forma tão discreta, que os estudantes que acompanharam os seus colegas ao hospital nem sequer chegaram a ser identificados.

Ambos os feridos estavam matriculados na Faculdade de Direito, sendo, portanto, estranhos ao Instituto onde se produziu o incidente. Um deles, José Alberto Rebelo dos Reis, foi reconhecido pelos agentes, quando transferido para o Hospital de S. José, como um dos mais activos elementos do motim, ficando, por isso, sob prisão.

A organização e preparação de todo este processo, que se desenvolveu ao longo de algumas horas, mostra que elementos recrutados em várias escolas conduzem a acção subversiva e aproveitam a oportunidade de atrair os agentes da Direcção-Geral de Segurança a uma farsa de tribunal estudantil, para os valar e agredir.

A acção de grupos subversivos dentro das escolas vem sendo assinalada, há muito tempo, tornando-se cada dia mais claras as suas intenções. As organizações clandestinas já conhecidas actuam dentro e fora das escolas e têm de ser responsabilizadas por mais este grave acontecimento.

Comunistas e maofistas responsabilizam-se mutuamente por estas acções, mas, mostram-se unidos no ataque à autoridade e às instituições, utilizando os meios de que dispõem para fomentar a subversão.

A gravidade dos factos relatados, que lamentavelmente causaram a perda de uma vida, deve fazer reflectir sobre os comportamentos que se impõem neste momento.

Não podemos dar oportunidade aos grupos extremistas de alimentar a luta, de fomentar a violência, perturbar a tranquilidade pública e prejudicar os interesses gerais.

Determinou-se, por isso, que fossem proibidas quaisquer manifestações públicas.

Polhas clandestinas tentam explorar a realização do funeral que, todavia, não poderá ser objecto de especulação política, nem aproveitada pelos culpados da sementeira de violência que pretende fazer entre a juventude.»

O estudante que morreu era quartanista de Direito

Em consequência dos incidentes ocorridos no Instituto de Ciências Económicas e Financeiras, faleceu, no Hospital de Santa Maria, o estudante José António Leitão Ribeiro Santos, de 26 anos, quartanista de Direito, filho do dr. Vasco Ribeiro dos Santos, médico assistente dos Hospitais Cívicos de Lisboa, e morador na Calçada de Santos, 37, 2.º.

Nos incidentes ficou ainda ferido, encontrando-se internado no Hospital de S. José, mas livre de perigo, o estudante José Alberto Rebelo dos Reis, de 19 anos, aluno do 2.º ano de Direito, morador na Rua João Frederico Ludovice, 18, 1.º, D.

No Hospital de S. José foram tratados e ferimentos sem gravidade, após o que recolheram a suas casas, os dois agentes da Direcção-Geral de Segurança.

INCIDENTE NO INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS E FINANCEIRAS

DIÁRIO DE
NOTÍCIAS
13 OUT 1972

Da direcção do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras recebemos a seguinte comunicação:

Tendo sido notada, durante a tarde do dia 12, por alguns estudantes, a presença, nas instalações do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, de um indivíduo que lhes pareceu estranho à escola e tendo este recusado identificar-se, foi solicitado ao secretário do Instituto que pedisse a esse indivíduo a sua identificação.

Após várias contradições, e tendo a certa altura afirmado ser agente da Direcção-Geral de Segurança, foi contactada essa Direcção-Geral, que informou não existir qualquer agente com o nome indicado, nem

qualquer chefe com o nome também citado pelo indivíduo como sendo o do seu superior hierárquico. Nestas condições, a Direcção-Geral de Segurança comunicou que iria enviar dois agentes para procederem à sua identificação.

Enquanto se aguardava a chegada dos dois agentes, foi aquele indivíduo levado por um grupo de estudantes para um anfiteatro, onde rapidamente se juntaram numerosas pessoas.

Após a chegada dos agentes, dirigiram-se estes, acompanhados pelo secretário e por elementos da direcção da Associação dos Estudantes, para o anfiteatro, a fim de procederem à identificação, logo afirmando não pertencer o mesmo indivíduo à Direcção-Geral. Suscitou-se, nessa altura, burburinho, havendo um grupo molestado esse indivíduo, enquanto outro, apesar dos esforços de numerosos estudantes para restabelecer a calma, atacava os dois agentes. Gerou-se, assim, grande confusão e verificaram-se atropelos dentro do anfiteatro, havendo sido disparados alguns tiros e sabendo-se que foram transportados dois feridos em automóveis particulares.

A direcção da escola não pode deixar de lamentar profundamente o ocorrido e irá promover a realização de um inquérito imediato sobre estes factos.

A SAÍDA DO FUNERAL DO ESTUDANTE DE DIREITO DEU ORIGEM A DESACATOS QUE OBRIGARAM À INTERVENÇÃO DA FORÇA PÚBLICA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS
15 OUT 1972

O funeral do estudante José António Leitão Ribeiro dos Santos (que há dois dias faleceu no Hospital Santa Maria em consequência dos incidentes no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras), provocou ontem, ao princípio da tarde, um recontra entre a Polícia e grupos de pessoas, na sua maioria estudantes, que se encontravam concentrados no Largo de Santos, em frente da casa do universitário, donde partiu o féretro a caminho do cemitério da Ajuda.

O clima de sossego e muita ordem que precedera a saída da urna não fazia prever os ulteriores acontecimentos.

Aos ombros de colegas da Faculdade, a urna saiu de casa cerca das 15.30 h. mas, em vez de ser depositada no carro funerário, foi transportada para o entamento da Rua das Janelas Verdes.

Gerou-se natural confusão entre os agentes da autoridade, apunhados um pouco de surpresa com o desenrolar dos acontecimentos. Em breve espaço de minutos os polícias tomaram, porém, as suas posições, fazendo-os dispersar.

Ainda antes de chegarem novos reforços, algumas centenas de jovens agrediram a pedrada os agentes da autoridade, tendo um deles sido atingido na cabeça e imediatamente

transportado num táxi ao Hospital de São José.

Entretanto, o caixão permanecia aos ombros dos jovens universitários na Rua das Janelas Verdes, os quais tentavam em transportar a urna a pé até ao cemitério.

A Polícia tentou removê-los, dizendo que, por postura municipal, são proibidos em Lisboa os funerais a pé. Diante a irredutível negativa dos jovens estes foram obrigados, à força, a desistir dos seus intentos.

Aos ombros de vários polícias o caixão foi metido dentro do carro funerário, iniciando-se então o cortejo automóvel que seguiu pela Avenida de Ceuta, Auto-Estrada e Res-telo até ao cemitério da Ajuda, não havendo mais distúrbios a registar.

Durante o resto da tarde, grupos de indivíduos, na sua maioria jovens estudantes partiram, à semelhança do dia anterior, várias montas de estabelecimentos bancários na Avenida Duque de Loulé, registando-se nada, Duque de Loulé, registando-se partes da cidade, nomeadamente no Intendente, onde ficaram feridos alguns polícias e estudantes.

✦

Nos vários incidentes verificados, ficaram feridos, tendo recebido tratamento no Hospital de S. José, os guardas da P. S. P. Fernando Rodrigues Costa, de 31 anos, residente na Rua D. Ruas Roupinho, 19, 2.ª, esq., Alexandre Martins da Costa Rodrigues, de 27 anos, e António José Guimarães Fonseca, de 25 anos, e os estudantes José dos Santos Escorval, de 27 anos, e seu irmão António Catarino dos Santos Escorval, residentes em Corroios.

Um comunicado do Comando do P. S. P. de Lisboa

Do Comando da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, recebemos o seguinte comunicado:

«Os grupos comprometidos na acção subversiva constituídos principalmente por estudantes que, durante o dia de ontem, 13, se manifestaram na via pública e praticaram várias depredações, tentaram, hoje, 14, a saída do funeral do estudante Ribeiro dos Santos desobedecer ao regulamento em vigor sobre a realização de funerais na cidade de Lisboa.

Foram impedidos de o fazer mas, por terem desobedecido e apedrejado a Polícia, houve necessidade de intervenção da Força Pública, na zona do Largo de Santos.

Terminado o funeral, espalharam-se, em vários grupos pela cidade, fugindo à vigilância da Polícia e partiram montas na Avenida Duque de Loulé e na Rua do Conde Redondo.

Houve necessidade de novas intervenções da força pública, para restabelecer a ordem.

Durante estes incidentes, foram presos vinte indivíduos, alguns transportando pedras, entre os quais catorze estudantes.

Todos os presos foram enviados à Direcção-Geral de Segurança visto o carácter da sua actividade criminosa».

VIVA O HERÓICO CAMARADA RIBEIRO DOS SANTOS

O CAMARADA RIBEIRO DOS SANTOS CAÍU NO CAMPO DA LUTA, SERVINDO A CAUSA DO POVO - POR ISSO LHE PRESTAMOS A NOSSA SINCERA HOMENAGEM.

NO DIA 12 DE OUTUBRO DE 1972 -, QUANDO SE REALIZAVA EM ECONÓMICAS UM "MEETING" CONTRA A REPRESSÃO FASCISTA - FOI ASSASSINADO PELOS ESBIRROS DA PIDE, COM A COLABORAÇÃO DE ALGUNS DIRIGENTES REFORMISTAS DA AE, O CAMARADA RIBEIRO DOS SANTOS QUE DECIDIDAMENTE TINHA OUSADO LUTAR.

TOMAR A POSIÇÃO DO CAMARADA RIBEIRO DOS SANTOS, SER DIGNO DA SUA CORAGEM E FIRMEZA, É SABER OPOR À REPRESSÃO A FIRME RESISTÊNCIA.

É UNIR CADA VEZ MAIS A LUTA ESTUDANTIL À LUTA MAIS GERAL DO POVO PORTUGUÊS.

LISTA A



Há dois anos a Pide matou Ribeiro dos Santos

Fez no passado dia 12 dois anos que a tenebrosa PIDE-DGS assassinou no INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS E FINANCEIRAS, José António Ribeiro dos Santos. Ribeiro dos Santos era um jovem estudante que se distinguira na luta anti-fascista.

Lembremos que nos anos 70, em continuação do período anterior, o movimento estudantil tornara-se um elemento activo da luta popular contra a guerra colonial e o fascismo, enquanto prossegua objectivos próprios: reforma universitária, contra a repressão fascista nas escolas e universidades. Todavia, dada a inexistência de uma vanguarda proletária organizada e consciente, o movimento estudantil sofreu várias limitações que o marcaram.

Aproveitando um incidente ocorrido no ISCEF, facilitado pelas hesitações e conciliações reformistas de alguns dirigentes universitários, a PIDE assassinou-o a sangue frio.

Ribeiro dos Santos tornou-se um símbolo do movimento estudantil português. Recondi-lo é lembrar a contribuição dos estudantes progressistas portugueses na luta contra o fascismo e o capitalismo. Recondi-lo é exigir a justiça popular para os criminosos da PIDE-DGS.

Façamos do 12 de Out. uma jornada de LUTA CONTRA O FASCISMO!

Na tarde de 12 de Outubro de 1972, no Instituto Superior de Económicas e Finanças em Lisboa, um agente da PIDE assassinou a tiro o estudante da Faculdade de Direito, José António Ribeiro dos Santos, no decorrer de uma reunião estudantil de protesto e de luta contra a repressão fascista e de apoio aos estudantes presos e torturados nas cadeias fascistas. Pouco antes, tinha-se detectado um indivíduo suspeito, que se confirmou frequentar reuniões estudantis para colher informações para a PIDE. Entretanto, perante a firme resolução dos estudantes em aplicar a esse facínora o castigo merecido, as autoridades académicas chamam uma brigada de PIDEs para, segundo elas, proceder à "identificação" do indivíduo suspeito, pretendendo com isto salvar aquele assassino do justo ódio dos estudantes.

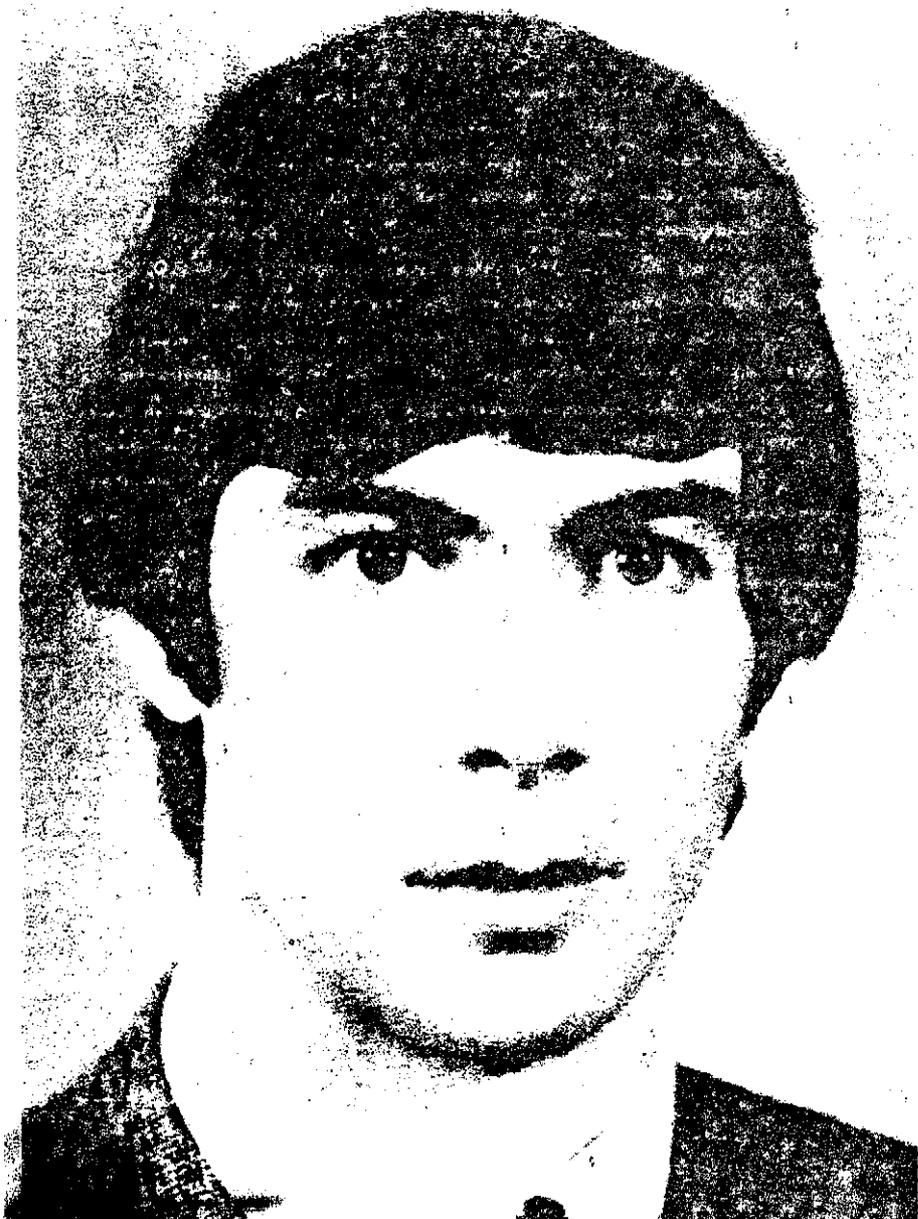
Quando os agentes da PIDE entraram na sala onde decorria a reunião a indignação e poderou-se dos estudantes que, decididos a expulsar os dois esbirros avançaram sobre eles. Um deles, foi imediatamente imobilizado pelos estudantes, o mesmo não aconteceu com o outro, que puxou da arma e disparou, atingindo mortalmente o camarada Ribeiro dos Santos e ferindo um outro estudante, José Lamego, também de Direito.

Ribeiro Santos foi cobardemente assassinado, e com isso a luta revolucionária dos estudantes contra a repressão fascista, perde um combatente, que sempre soube dar o exemplo conservando-se à frente da luta, quer na escola, contra o ensino opressivo, decadente e corrupto da burguesia, quer na rua no combate directo com as bestas policiais da ditadura fascista.

Mas por cada um que cai mil se levantam, e milhares de estudantes do norte ao sul do país levantaram-se dando uma resposta firme e decidida à burguesia fascista e colonialista transformando o exemplo de Ribeiro dos Santos numa força capaz de fazer avançar decididamente a luta revolucionária dos estudantes ao lado do povo português.

Pois, a melhor homenagem que podemos prestar a Ribeiro Santos é avançar com firmeza no caminho que também ele trilhou e lutar ao lado de todos os oprimidos da cidade e do campo contra quem sempre os explorou e espezinhou, o combate sem tréguas ao lado do povo português pela sua emancipação total. As formas de luta estudantil são tão variadas quanto os motivos que suscitam a sua mobilização. Desde o combate nas escolas contra o ensino na classe burguesa no poder, por um ensino que sirva realmente os interesses das massas trabalhadoras, até ao combate directo ao lado do povo na rua e em todas as frentes da batalha que ele trava contra os seus inimigos.

Foi a besta fascista que por intermédio da sua polícia secreta abateu Ribeiro Santos. Os



estudantes revolucionários e progressistas que entendem prestar a devida homenagem a um camarada morto no campo de batalha, têm a consciência de que quem o abateu não foi ainda abatido. A prova mais evidente disso é a recente tentativa de golpe de Estado por parte dos fascistas. Também no combate a esta canalha os estudantes estiveram presentes ao lado do povo, nomeadamente nos piquetes de acção anti-fascista que se formaram por todo o país. É por esta razão que devemos transformar esta homenagem a Ribeiro dos Santos e a todos os que tombaram defendendo a causa do povo português, numa jornada de união e luta contra o FASCISMO. O fascismo levantou a cabeça e continuará a fazê-lo enquanto existirem as bases sociais que lho permitam.

A única garantia de que a besta fascista não passará, é a mobilização e a organização do povo - e aqui também os estudantes terão a sua palavra a dar, tal como Ribeiro dos Santos e muitos outros o fizeram.

É NESTE SENTIDO QUE O TEATRO UNIVERSITÁRIO DO PORTO,

E OS NÚCLEOS SINDICAIS DO PORTO,

CONVOCAM TODOS OS ESTUDANTES, PARA UMA JORNADA DE LUTA ANTI-FASCISTA A REALIZAR SÁBADO DIA 12 DE OUTUBRO, ÀS 15 HORAS NA FACULDADE DE LETRAS; COM A PARTICIPAÇÃO DE:

-GRUPO DE TEATRO POPULAR DO TUP QUE APRESENTARÁ A PEÇA "18 DE JANEIRO DE 1934".

-CORO POPULAR DO TUP

VIVA A LUTA DOS ESTUDANTES AO LADO DO POVO

VIVA A LUTA DO POVO PORTUGUÊS!

R. SANTOS SERÁ VINGADO!

O Fascismo Não Passará!

TODOS À FAC. DE LETRAS

Sábado dia 12 - às 15 h

O estudante Ribeiro dos Santos foi assassinado

ABAIXO O TERROR FASCISTA!

EXTINÇÃO DA PIDE-DGS!

O assassinato do estudante José António Ribeiro dos Santos, da Faculdade de Direito de Lisboa, praticado pela PIDE-DGS, na tarde de 12 de Outubro, não foi um acidente, ao contrário do que o governo procura fazer acreditar.

M. Caetano, 1.º réu deste crime

A PIDE-DGS entra a matar no seguimento de declarações feitas pelo chefe do governo, M. Caetano, pelos seus ministros, nomeadamente, Viana Rebelo e Rapazote, pelo chefe do Estado-Maior-geral das Forças Armadas, Costa Gomes, todas elas anunciando o recrudescimento do terror fascista.

A PIDE-DGS abre fogo sobre estudantes, depois de lhes organizar uma provocação, mata um e fere vários, logo a seguir à publi-

cação do decreto pelo qual o governo procura dar cobertura à actividade arbitrária da polícia política e com o qual amplia, de facto, ilimitadamente os seus poderes.

O assassinato do estudante Ribeiro dos Santos é de inteira responsabilidade do governo! M. Caetano é o primeiro réu deste crime!

Carlos Domingues, uma vida em perigo

Incapaz de dar solução a um só dos grandes problemas nacionais, impotente para impedir o aprofundamento da crise do regime e o seu progressivo isolamento interno e internacional, a braços com dificuldades crescentes no teatro das guerras coloniais, convencido da impossibilidade de deter por outras formas o desenvolvimento da luta popular, o governo da ditadura fascista faz do terror generalizado a sua última tábuca de salvação.

As dezenas de prisões efectuadas nos últimos meses, as torturas cruéis infligidas aos presos políticos, as vigilâncias, as perseguições, os assaltos, as buscas, as rusgas que as diferentes forças policiais põem em prática e onde frequentemente aparecem associadas são aspectos concretos desta política e é nela que se inseriu o assassinato do estudante Ribeiro dos Santos.

Só por acaso outros militantes revolucionários, presos nos últi-

mos meses, não pereceram às mãos da PIDE-DGS. António Ger-vásio, José P. Soares, Horácio Rufino, Pinto Araújo impedidos de dormir durante 17 dias e noites seguidos, o primeiro, 14 e mais 19, o segundo, 14 e mais 7, o terceiro, 17 e mais 7 o último, não morreram, mas sofrerão por toda a vida das graves mutilações que lhes foram provocadas por tão prolongada e cruel tortura.

Há todas as razões para temer pela vida de Carlos Domingues, militante do PCP, combatente clandestino há vários anos, preso pela PIDE-DGS no dia 27 de Setembro.

Há razões para recear pela vida de todos os antifascistas encarcerados às ordens do bando de torturadores e assassinos da PIDE-DGS.

Fazer recuar a repressão! Intensificar a luta contra o fascismo!

O governo anunciou que estavam proibidas quaisquer manifestações durante o funeral de Ribeiro dos Santos. As polícias de Lisboa prepararam-se em grande forma para dar cumprimento às ordens do governo e recorreram, no decorrer das cerimónias fúnebres, a todo o seu arsenal de brutalidade: abriram fogo sobre cidadãos desarmados, utilizaram gases, organizaram cargas de bastão, fizeram muitas prisões. Nada disto impediu, no entanto, que milhares de pessoas (estudantes, trabalhadores, intelectuais) transformassem o funeral numa potente manifestação de protesto contra o novo crime do governo, numa resoluta jornada de combate contra a ditadura fascista.

A manifestação da tarde de hoje integra-se no poderoso movi-

mento de resistência à repressão em que os estudantes de Lisboa têm tido, nos últimos meses, um papel destacado. Ela constitui uma nova e segura indicação de que o governo não conseguirá paralisar a luta popular através do terror. Com ele o governo assume inteira responsabilidade pelo recurso à violência na vida política nacional e suscita uma oposição mais larga e mais enérgica.

Há que tornar mais potente e mais largo ainda o movimento de solidariedade e apoio aos presos políticos! Há que organizar novas e mais amplas acções de resistência à repressão! Há que persistir, intensificando-as, na Batalha pelo Pão, na Batalha pela Liberdade, na Batalha contra a Guerra Colonial! Há que alargar a unidade e consolidar a organização nestas frentes de luta fundamentais!

Solidariedade aos estudantes em luta!

A situação nas Universidades portuguesas atingiu um ponto de grande tensão. O governo procura abater pelo terror o Movimento Estudantil. Os estudantes respondem às medidas do governo com amplas acções de massas e grande energia combativa.

Há que reforçar a solidariedade aos estudantes em luta! É a classe operária e as massas trabalhadoras que o PCP chama, em primeiro lugar, para que organizem prontamente acções de apoio e solidariedade aos estudantes.

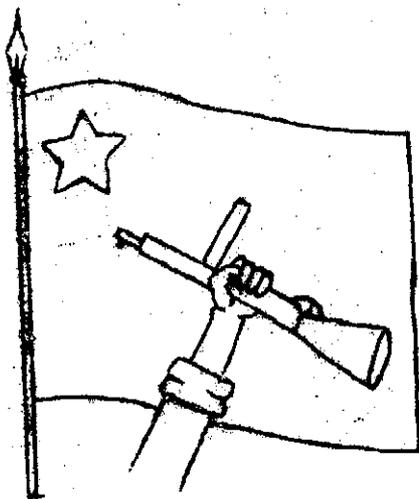
Castigo para os assassinos de Ribeiro dos Santos!

Cessem as torturas aos presos!

Liberdade para Carlos Domingues e todos os presos políticos!

Extinção da PIDE-DGS!

HONRA A RIBEIRO SANTOS



COMITÉS RIBEIRO SANTOS

O POVO JAMAIS
TE ESQUECERÁ!

A JUVENTUDE MONTIJENSE
AO POVO DO MONTIJO,

Que cada jovem estudante ou
trabalhador se organize em
Comités Ribeiro Santos pela
Revolução Democrática e Po-
pular.



Camaradas

12 de Outubro de 1972

Foi, na tarde sangrenta deste dia num meeting estudantil, na Faculdade de Económ., em Lisboa, que foi cobardemente assassinado por um torcionário da Pide, com a colaboração dum escroque agente ré Visionista, do Partido chamado "Comunista" e dito "Português" do lambe botas Barreirinhas Cuxhal.

Um filho do Povo, um grande Revolucionário, JOSÉ ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS.

Estavam as massas reunidas no comício, contra o fascismo, contra o revisionismo e contra a guerra Colonial imperialista, quando descobriram infiltrado no seu seio um Pide. Logo descoberto e aprisionado pelas massas, ele aguardava o justo castigo popular, quando aparece um comando de outros assassinos da Pide, chamados pelos revisionistas, ARANDA e PEDRO FERREIRA, juntamente com o secretário da Escola, CALÇADA da ESTRELA, com o intuito de libertar o Pide justamente aprisionado. Ao tentarem concretizar a sua operação deparam os assassinos com uma massiva barreira de justa ira e ódio das massas que numa vaga incontível sobre eles se abate para os esmagar. Comandava essa barreira o querido camarada RIBEIRO SANTOS, interpõe-se entre as massas e os Pides, os revisionistas, que tentam desesperadamente salvar da ira e ódio do nosso Povo, explorado e oprimido, os Pides assassinos. Ao se anteporem bloqueiam a marcha das massas, dão tempo aos assassinos para sacar as armas e depois afastam-se. RIBEIRO SANTOS tomba cobardemente assassinado pelas balas da Pide dirigidas pela mão revisionista

Camaradas,

RIBEIRO SANTOS, não foi uma vítima casual do fascismo. RIBEIRO SANTOS foi e é um herói, um martir da Revolução em Portugal. O seu exemplo, o seu heróico exemplo de revolucionário consequente e destemido, a sua coragem, o seu espírito de sacrifício é o exemplo que nos guiará de vitória em vitória, até à conquista de uma sociedade nova livre e fraterna até à conquista do PÃO da PAZ da TERRA da LIBERDADE da DEMOCRACIA e da INDEPENDENCIA NACIONAL, justos objectivos da REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E POPULAR.

Camaradas,

Na fase actual da Revolução, em Portugal em que a burguesia já não pode governar, e as suas lutas intestinas, pela posse do poder de Estado, a sucessiva mudança de Governos provisórios, a "demissão" dos Sassano Colonial-fascista Spínola, a repressão que ela exerce sobre o nisto Povo ao prender o camarada SALDANHA SANCHES, os milicianos ANJOS e MARVÃO e ao assassinar no Rossio quando de uma manifestação contra a guerra colonial, o filho do Povo, VITOR BERNARDES, a suspensão do "LUTA POPULAR" órgão central do M.R.P.P. a sua famigerada "lei da informação" a lei anti-greve, lei feita por fascistas, e digna de fascistas, a repressão exercida contra o Povo na manifestação do M.R.P.P. no Rossio Todas estas medidas tomadas pela burguesia, mais não mostra do que a fraqueza dessa mesma burguesia.

E nós jovens temos um papel importante no seu enfraquecimento papel esse desempenhado nas lutas travadas nas escolas, nas fábricas, nos campos, nos quartéis, nas ruas, etc... Não admira portanto camaradas, que a burguesia tudo tente para desviar o nosso barco da rota gloriosa apontada pelo querido camarada JOSÉ ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS. Foi com esse objectivo que por ordem da burguesia monopolista e imperialista, os cães de fila acolitados na C"D"E/P"C"P criaram um destacamento a que deram o nome de Movimento da Juventude Trabalhadora (MJT) que para mais não serve do que amarrar de pés e mãos a juventude trabalhadora da nossa Pátria

Camaradas,

No momento em que a revolução em PORTUGAL está na ordem do dia e no momento também em que a contra-revolução se arma é necessário é fundamental nós jovens em geral e trabalhadores em particular organizarmo-nos para a REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E POPULAR;

Foi pela Revolução que viveu lutou e morreu o camarada Ribeiro Santos saibamos seguir-lhe o exemplo organizemo-nos em Comités Ribeiro Santos e lutemos pela REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA e POPULAR; e pela conquista dos seus principais objectivos.

Camaradas,

O Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado, (MRPP) organiza no CAMPO PEQUENO, às 21,30 h., um grande comício em honra ao camarada JOSÉ ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS. Que este grande comício seja uma grande jornada de luta CONTRA O FASCISMO CONTRA O REVISIONISMO E PELA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E POPULAR. Que todos os explorados e oprimidos da nossa terra e do nosso País lá compareçam em massa e com um espírito revolucionário digno de RIBEIRO SANTOS

HONRA A RIBEIRO SANTOS

O POVO JAMAIS TE ESQUECERÁ

VIVA A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E POPULAR

PÃO, PAZ, TERRA, LIBERDADE, DEMOCRACIA e INDEPENDENCIA NACIONAL

MORTE AO FASCISMO MORTE AO REVISIONISMO

O POVO VENCERÁ

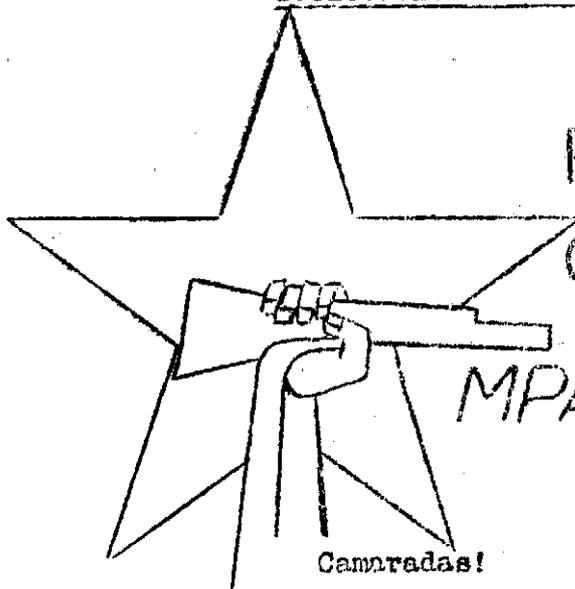
TODOS AO C. PEQUENO

Sábada, 12 às 21 h 30m

Montijo, 10 de Outubro de 1974

Comité Ribeiro Santos
MONTIJO

Proletários de todos os países, povos e nações oprimidas
do mundo: UNI-VOS!



FOGO SOBRE A BURGUESIA COLONIAL-IMPERIALISTA!

QUE ASSASSINOU O NOSSO CAMARADA
JOSE ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS!

No dia 12 de Outubro, no decurso de um meeting de luta contra a repressão fascista, que se realizava na Universidade, o camarada JOSE ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS, marxista-leninista-maoista militante da Federação dos Estudantes Marxistas - Leninistas (FEML), tombou assassinado pelas balas de um estirro da Fide.

Na primeira linha, à frente das massas estudantis, que castigavam duramente 3 agentes provocadores que se haviam infiltrado na escola, o camarada Ribeiro dos Santos tombou no seu posto!

QUEM ERA O CAMARADA JOSE ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS ?

Militante marxista-leninista-maoista, o camarada Ribeiro dos Santos formou-se na gloriosa escola do internacionalismo proletário. Era, por isso, um militante anti-colonialista consequente e abraçou sempre a posição correcta na questão colonial — pedra de toque que permite distinguir, em Portugal, quem são os verdadeiros anti-colonialistas e quem são os sociais-chauvinistas e pacifistas burgueses.

O camarada Ribeiro dos Santos jamais confraternizou com o pacifismo burguês ou se deixou contagiar pelo social-chauvinismo e pela paz sem princípios. Muito pelo contrário, sempre combateu estas ideias burguesas e reaccionárias e lutou, nas primeiras filas, contra o colonialismo, o imperialismo, o social-imperialismo e a guerra colonial-imperialista, dando, assim, o seu apoio internacionalista activo e militante à justa luta de Libertação nacional dos povos de Angola, da Guiné e de Moçambique.

Ele foi um defensor intransigente do inalienável direito dos povos irmãos das colónias à AUTODETERMINAÇÃO, à SEPARAÇÃO e à COMPLETA INDEPENDENCIA POLITICA, ECONOMICA E CULTURAL, e um combatente decidido contra todas as concepções erradas e as pretensões daqueles que, como os sociais chauvinistas do PCP, pretendem travar a luta do Povo português e vender a independência dos Povos heróicos de Angola, da Guiné e de Moçambique, apresentando a sua vitoriosa luta de Libertação nacional não como uma guerra justa e gloriosa contra o colonialismo e o imperialismo, pela conquista da Independência, mas como uma escaramuça contra o regime da camarilha marcelista, pela conquista das "liberdades democráticas" por que lutam os doutros burgueses.

"Soluções" burguesas e reaccionárias, colonialistas e neo-colonialistas, do género do "debate nacional para resolver o problema ultramarino", "solução pacífica" ou "negociações prévias", que são tão do agrado dos sociais-chauvinistas do PCP, sempre o camarada Ribeiro dos Santos as combateu intransigentemente! Pois elas são a tentativa da burguesia colonialista para desarmar o Povo e para o amarrar de pés e mãos. Servindo-se dos sociais-chauvinistas do PCP como ponta de lança no seio do Povo, a burguesia colonial-imperialista portuguesa — pequeno peão a soldo do imperialismo — tenta, em vão, travar a luta do Povo português, impedir a formação de um amplo, forte, impetuoso e triunfante Movimento Popular Anti-Colonial e impedir o proletariado e o Povo de cumprirem o seu dever internacionalista e de darem o seu apoio activo e militante à justa luta de Libertação nacional dos povos oprimidos das colónias.

Cozinhar acordos e confraternizar com a burguesia colonialista, tentar amarrar o Povo de pés e mãos, amordaçá-lo e impedi-lo de quebrar as cadeias que o oprimem — tal é a obra dos sociais chauvinistas do PCP, tal é a prática de traição que o camarada Ribeiro dos Santos sempre repudiou com veemência e activamente combateu!

Todos nós, militantes anti-colonialistas, marxistas-leninistas-mabistas ou não, devemos reter o espírito abnegado e o exemplo militante do camarada Ribeiro dos Santos. Se o conseguirmos, poderemos vir a ser — como ele sempre o foi — um homem útil ao Povo!

VIVA O CAMARADA JOSE ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS!

VIVA A GRANDE, GLORIOSA E JUSTA INSURREIÇÃO NACIONAL ARMADA DE LIBERTAÇÃO DOS POVOS OPRIMIDOS DAS COLONIAS!

GUERRA DO POVO A GUERRA COLONIAL-IMPERIALISTA!

ABAIXO O SOCIAL-CHAUVINISMO DO PCP!

VIVA O INTERNACIONALISMO PROLETARIO!

VIVA O MOVIMENTO POPULAR ANTI-COLONIAL!

VIVAM OS CLACs!

Outubro de 1972

Movimento Popular Anti-Colonial

MPAC

Guerra do Povo

à Guerra

Colonial - Imperialista!

12 DE OUTUBRO — É DIA DE LUTA!



O 12 de Outubro representa para o Movimento Estudantil a luta travada contra o regime fascista.

Ao longo deste, os estudantes aprenderam que além de estarem numa escola em que estudavam matérias que não sabiam como aplicar, além de serem espezinhados pelos catedráticos e chumbados prepotentemente, havia a guerra colonial que o povo recusava e contra a qual lutava e um sistema de formação de " doutores e engenheiros " que nunca servia o povo, havia o governo e o estado que reprimiam ferozmente a luta pela LIBERDADE; pelo PÃO e pela PAZ.

O Movimento Estudantil entrou na luta aberta contra o fascismo ao lado do povo. Os recontros com a polícia sucederam-se. Centenas de estudantes foram presos e torturados. As aae foram assaltadas, saqueadas e encerradas. A resistência à repressão e o vigor do M.E. redobraram, da greve parcial, foi-se para a greve geral e para as manifestações de rua. A solidariedade entre as escolas aumentou! Os estudantes compreenderam que só unidos conseguiriam opôr mais uma barreira ao fascismo!

Impotente contra a luta do povo, a burguesia fascista ia assassinando os mais dedicados combatentes pela Liberdade: Catarina Eufémia, Cândido Capilé, Estevão Giró, Agostinho Fineza, Militão Ribeiro, Alfredo Diniz, Bento Gonçalves.

A 12 de Outubro de 1972, numa reunião do ISE, invadida pela PIDE, foi assassinado o estudante revolucionário José António Ribeiro dos Santos.

Os fascistas se pensavam que com esta morte conseguiam amedrontar os estudantes, logo se desiludiram. Nos dias seguintes, tal foi o vigor e o ímpeto com que os estudantes se dispuseram a lutar e a divulgar mais este crime que o fascismo tinha cometido. As manifestações e os meetings sucederam-se, as cargas policiais foram constantes, mas nem por um minuto a luta abrandou.

O 12 de Outubro tem pois um significado bastante importante para o ME. Ele é o recordar do assassinio dum revolucionário e fundamentalmente de toda a luta travada pelos estudantes e seu carácter anti-fascista.

Hoje, 2 anos após o 25 de Abril o fascismo ergue de novo a cabeça. A política de traição levada à pratica pelos partidos burgueses do Dr. Soares e do Dr. Cunhal, não tem sido mais que ceder às suas exigencias. Estas no ensino têm estado a ser cumpridas escrupulosamente, têm sido bem acolhidas pelo actual governo constitucional do Dr. Soares. A Reforma Agrária é atacada as desocupações de casas continuam e as manifestações de moradores são re-

primidas de novo pela policia de choque, o custo de vida aumenta, os despe^udimentos não têm fim, os pides estão todos libertados, e as redes de bombistas continuam por desmantelar.

Nas escolas de novo se pretende impôr a autoridade autocrática dos catedráticos, enquanto os professores progressistas são saneados ou despedidos, é imposto um ensino elitista e dirigido aos interesses dos imperialistas e da burguesia portuguesa nem que para isso se tenham que fechar escolas à força, todas as vitórias e direitos fundamentais dos estudantes estão a ser retirados acabando com a gestão democrática e impondo os reitores, directores, conselhos disciplinares, limitando as reuniões e acabando com os seus poderes.

ESTUDANTES DE LISBOA!

O Dr. Soares e seu governo se querem escolas que sirvam os seus interesses vão ter que passar por cima de nós.

NÃO PERMITIREMOS:

- a abolição ou qualquer alteração da gestão democrática!
- a imposição dos numerus clausus!
- que as escolas sejam "degradadas pedagogicamente" só porque o Cardia o entende!
- a imposição de medidas repressivas e selectivas no ensino e avaliação de conhecimentos!
- a reintegração dos fascistas e o saneamento dos progressistas!
- que os S.S. continuem a ser o que o Ministério quer e não o que nós queremos!

A UJCR, que aplica na juventude a linha revolucionária do PCP(R), apela a todos os revolucionários e progressistas, aos estudantes em geral, para que se unam e ergam contra as medias anti-democráticas do MEIC, não permitindo a sua aplicação nas escolas.

A UJCR aponta como exemplo o 12 de Outubro de 1972 e o seu significado, para que a juventude estudantil saiba continuar intransigente na luta contra o fascismo.

A UJCR aponta a todos os estudantes para que se integrem nos GDUP's a frente popular de massas, na qual os estudantes devem estar integrados.

A UJCR aponta ainda para que todos os estudantes cerrem fileiras em torno das suas Associações e avancem para o congresso da UNEP.

VIVA A UJCR !

VIVA O PCP(R) !

LISBOA, 12/10/76

O CONSELHO DE ZONA JOSÉ ESTALINE

DA UJCR (União da Juventude Comunista
Revolucionária)